



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

AMANDA MENEZES LIRA DE SÁ

**DESDOBRAMENTOS DO FEMINISMO NO MEIO SOCIOPOLÍTICO,
ARTÍSTICO E DO DESIGN**

**CARUARU
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

MEMORIAL CIENTÍFICO

**DESDOBRAMENTOS DO FEMINISMO NO MEIO SOCIOPOLÍTICO,
ARTÍSTICO E DO DESIGN**

AMANDA MENEZES LIRA DE SÁ¹

**Caruaru
2021**

¹ Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: amanda.lirasa@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Sá, Amanda Menezes Lira de.

Desdobramentos do Feminismo no meio Sociopolítico, Artístico e do Design
/ Amanda Menezes Lira de Sá. - Caruaru, 2021.

86p : il.

Orientador(a): Juliana Andrade Leitão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2021.

Inclui referências, apêndices.

1. Design. 2. Arte. 3. Feminismo. 4. Sociedade. 5. Educação. I. Leitão,
Juliana Andrade. (Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Grata a mim pela dedicação e força de vontade e a minha família que não hesitou em me apoiar em ir estudar em outra cidade apesar de todas as adversidades.

RESUMO

Ao perceber que vivemos numa sociedade desigual em direitos e em oportunidades, percebe-se que a única saída para tal cenário se faz por meio da educação. Com o intuito de democratizar o ensino, de um assunto que ainda se faz presente em bolhas sociais privilegiadas, e viabilizar o debate sobre o feminismo, este trabalho aborda questões estruturais de nossa sociedade que implicam nos desdobramentos sociopolíticos e em sua produção artística. Faz-se um breve panorama histórico do feminismo, distribuído em quatro capítulos que descrevem as fases do movimento, trazendo as questões prioritárias e algumas personalidades que ganharam destaque. Aborda-se o sistema patriarcal e seu desdobramento na história da arte, evidenciando obras e situações discriminatórias vividas por artistas mulheres devido ao seu gênero. O papel social do design gráfico é citado neste trabalho. O designer tem o poder de promover diversos questionamentos agregadores para a formação de opinião através de suas produções gráficas que são veículos comunicativos. Com o propósito de difundir os assuntos acima abordados, um ebook, que será disponibilizado gratuitamente, é proposto trazendo um mini glossário e dez histórias de mulheres inspiradoras.

Palavras-chave: Design; Arte; Feminismo; Sociedade; Educação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OBJETIVOS.....	10
2.1	OBJETIVOGERAL.....	10
2.1.1	Objetivos Específicos.....	10
3	JUSTIFICATIVA.....	11
4	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4.1	FEMINISMO.....	12
4.1.1	Protofeminismo.....	14
4.1.1.1	As três ondas do feminismo.....	19
4.1.1.1.1	<i>Patriarcado.....</i>	26
4.2	ARTE.....	27
4.3	DESIGN COMO PONTE.....	37
5	METODOLOGIA.....	42
5.1	PROBLEMATIZAÇÃO.....	43
5.1.1	Briefing.....	43
5.1.1.1	Estudo de similares.....	43
5.1.1.1.1	<i>Definição de requisitos e restrições.....</i>	48
6	CONCRETIZAÇÃO.....	48
7	CONTROLE, AVALIAÇÃO E CRÍTICA.....	49
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE – EBOOK MULHERES DESLUMBRANTES	54

1 INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento de luta de equalização social que podemos dividi-lo em três ondas, descritas brevemente no primeiro capítulo, que marcam diferentes contextos e necessidades das mulheres. Este trabalho tem como objetivo tirar do oculto histórias que, por uma máxima masculina, foram “escanteadas”, deixadas em segundo plano. As pesquisas aqui realizadas seguem uma linha de raciocínio ocidental.

Aborda-se o meio artístico e seu descaso com a mulher e a desigualdade imposta ao seu gênero refletida na posição de mestre, onde inúmeros artistas homens estão inseridos, basta analisarmos a educação artística nas escolas com seus livros didáticos que mal citam personalidades femininas.

Tendo em vista que a grande desigualdade social em nosso país afeta em cheio o campo educacional, que se encontra sucateado e que o advento do Corona vírus potencializou ainda mais o cenário caótico, em que poucos são os privilegiados que possuem um ensino e recursos de qualidade a distância, proponho um e-book educativo que estará sendo disponibilizado gratuitamente nas plataformas digitais como uma forma de democratizar o acesso à informação, e assim poder debater de forma eficaz a invisibilidade da mulher.

O livreto abordará histórias de mulheres inspiradoras no meio político, filosófico e artístico como uma forma de contribuição para a luta feminista, com o intuito de minimizar a escassez de abordagens sobre tais mulheres, que são de suma importância para nossa história. O que norteará este trabalho será o papel sociopolítico do design na sociedade, que será como ponte essencial para a educação, oferecendo um conteúdo atrativo e online tendo como base o design editorial e a psicologia das cores.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Viabilizar o debate sobre arte e feminismo através de um e-book educativo.

2.1.1 Objetivos específicos

- Fomentar o debate sobre feminismo no público jovem;
- Discorrer sobre o pensamento patriarcal e sobre a assimetria existente no valor e espaço;
- Promover uma discussão sobre a invisibilidade feminina nos meios sociopolíticos e artísticos.

3 JUSTIFICATIVA

Considerando a nova realidade de isolamento em que estamos inseridos propiciada pelo covid-19, somado ao fato de que vivemos em uma país com alto índice de violência contra a mulher, falar sobre feminismo é de suma importância e este

trabalho abre caminho para o diálogo sobre a condição de ser mulher numa sociedade patriarcal que a menospreza, numa lógica sexista.

O e-book é inovador por trazer um conteúdo que não se é discutido com evidência nos círculos escolares e universitários onde poucos são os exemplares nas livrarias destinados ao público, os que existem no mercado abordam normalmente personalidades conhecidas na história, como por exemplo, Frida Kahlo, mulher artista que obteve prestígio em vida. A escolha da faixa etária do público alvo, dos 15 aos 25 anos, está pelo fato da abertura deste grupo ao diálogo, o que torna mais fácil a concretização dos objetivos deste trabalho.

No que se refere à nossa situação sociopolítica, constata-se a nova fase neoliberal em que o nosso sistema capitalista se encontra juntamente com o alastramento da extrema-direita, que resulta em diversos ataques à movimentos sociais direta e indiretamente, o combate à chamada “ideologia de gênero” a favor de uma despolitização é um exemplo disto.

Também há a tentativa da absorção dos conceitos do movimento feminista por parte deste sistema o coloca num patamar mais banalizado e supérfluo, usa-se estratégias para erradicar da pauta os conteúdos mais radicais e críticos do feminismo. É evidenciada a ideia de um empoderamento e crescimento individual que pode ser exemplificado na incorporação das empresas de mulheres em cargos importantes, encobrindo a real intenção do feminismo, onde prega-se o crescimento do coletivo minimizando assim as desigualdades no gênero.

Somado a esse cenário temos a educação que vem sofrendo inúmeros ataques por meio de políticas públicas segregacionistas, a sucateando. Temos o dever cívico de sermos politicamente ativos contra toda essa onda fascista e investir na educação pois só através dela destruiremos o patriarcado e abriremos os olhos para as táticas e armadilhas neoliberais.

Este projeto dá luz a mulheres em que a história por muitas vezes apagou, negando a dar seu devido reconhecimento, e fornecerá ao público e a comunidade acadêmica um conteúdo que os fará refletir sobre um assunto de caráter de extrema urgência para nossa convivência em grupo, que é o feminismo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização e embasamento deste trabalho foram utilizados artigos, revistas acadêmicas e livros que discorrem sobre a questão de ser mulher, o feminismo como movimento e seus desdobramentos nos meios sociopolíticos, filosóficos e artísticos.

4.1 FEMINISMO

O feminismo é um movimento que surgiu há séculos no resultado da união de das mulheres que reconheceram suas dores e juntaram suas forças. Independente de aceitá-lo ou não, é um assunto crucial para a uma sociedade que toma rumos obscuros, onde o conservadorismo somado ao sistema econômico capitalista nos leva a uma realidade onde impera a desigualdade social, o sexismo, a misoginia, o racismo e a LGBTQIA+fobia.

Neste capítulo aborda-se brevemente, em recortes, a trajetória do feminismo ocidental através de pequenos capítulos que sintetizam cada período marcante na história da luta do gênero e a evolução do movimento.

4.1.1 Protofeminismo

As raízes de luta feminista começam a dar seus primeiros passos durante o Renascimento: movimento cultural, econômico e político que enaltecia a racionalidade com seu culto a inteligência, marcado pela transição da Idade Média para a Idade Moderna. Neste cenário o Humanismo surge como grande vertente do pensamento social como uma nova perspectiva, promovendo aos poucos uma ruptura de conceitos sólidos medievais. A corrente filosófica exaltava a racionalidade, a ciência, os ideais da Antiguidade Clássica e sobretudo o ser humano, originando o antropocentrismo vertente que põe o homem como centro das ações, rompendo com a figura de Deus, gerando intensos debates.

Porém, ainda era forte a influência cristã no pensamento coletivo, Karawejczyk (2017) afirma que;

A visão de mundo das pessoas do medievo apontava para a definição dos papéis masculino e feminino na sociedade como uma dualidade não complementar, melhor definida em termos de hierarquia. Tal construção foi lapidada pela cristandade que (...) reforçava a representação do desequilíbrio entre os sexos e favorecia uma tendência a favor do masculino e a uma elegia à sua superioridade, marcando de forma irremediável o pensamento ocidental, do qual somos herdeiros (KARAWEJCZYK, 2017, p.193).

Mesmo com todo cenário contrário, o Humanismo repercutiu em algumas mulheres privilegiadas que tinham acesso à educação, despertando a consciência para sua condição subalterna na sociedade, dentre elas estava Christine de Pizan, escritora nascida no início do movimento, em 1363. A autora destacou-se por viver de suas obras literárias e defender publicamente a igualdade entre os gêneros combatendo ideais misóginos (IBID, p.193).

O pai de Christine, astrônomo da corte do rei Carlos V, foi de grande importância em sua carreira, com ele Christine aprendera latim e filosofia, conhecimento inimaginável para uma mulher que não fosse nobre e que não estivesse no monastério pois o convento era de fato um dos únicos lugares onde as mulheres teriam acesso a uma educação de alto nível.

Apesar da excentricidade de sua educação, o que lhe fazia distinta de outras mulheres, não escapou do casório que era uma obrigatoriedade, aos 15 anos encontra-se em um casamento arranjado. Anos depois perde seu pai e conseqüentemente seu marido, estando então na posição de comando de sua família que agora estava em sua dependência. A alternativa de Christine foi usar seus conhecimentos ao seu favor dedicando-se à atividade literária, o que foi de grande repercussão pois o convencional para uma mulher viúva no período medieval seria sua reclusão em um convento ou a busca de outro casamento.

Ela lutou por sua independência e reconhecimento numa sociedade construída em dogmas religiosos que partilhavam da ideia de dualidade entre gêneros, onde o homem estava acima da figura feminina. Um acontecimento marcante em sua trajetória, que viria a ser a primeira polêmica literária da história ocidental, foi quando ela se posicionou publicamente contra a obra "*Roman de la Rose*", poema escrito por dois autores em períodos distintos. A primeira parte, publicada em 1245, com autoria de Guillaume de Lorris onde enaltece o amor cortês, tema clássico do trovadorismo. No final do século a segunda parte é concluída pelo clérigo parisiense Jean de Meung, que rompe com a tradição cortês de Lorris com uma versão humanista, que por sua vez tinha um viés sexista, algo que era frequente entre as obras que circulavam na

época e Pizan veementemente combatia. Em 1405 a escritora publica seu livro mais conhecido, *A cidade das mulheres*. Segundo Carla Cristina Garcia, a autora:

(...)questiona a autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para formar a tradição misógina e decide fazer frente as acusações e insultos contra as mulheres, que eram tratadas como desobedientes, invejosas, mesquinhas, embusteiras, faladoras, orgulhosas, luxuriosas, perigosas, etc. Propõe, com firmeza e segurança, uma utopia, um espaço próprio para elas e reivindica uma genealogia de mulheres de capacidades e qualidades excelentes ao longo da história (GARCIA, 2011, p.27).

A autora discute sobre a natureza das mulheres, e descreve que recebe a visita de três damas importantes: razão, retidão e justiça, onde elas juntas sugerem a construção de uma cidade justa, que acolha todas as mulheres. Além de questionar a supremacia masculina idealizou uma sociedade igualitária em que as mulheres usufruem de cidadania e segurança. No mesmo ano escreve outro livro de conselhos intitulado *Tesoura da cidade das damas*, propondo uma divulgação mundial, entre mulheres de diversos níveis sociais, de suas ideias.

Desse modo, Pizan reivindica para as mulheres o primeiro direito do qual derivam todos os outros, ou seja, o do reconhecimento da condição de sujeito, com toda a dignidade que isso implica e com todas as qualidades que se atribuía somente aos homens: inteligência, força, valor, criatividade. Reivindica também como valores humanos igualmente dignos de consideração tudo aquilo que se reconhece como próprio das mulheres e que em consequência é desvalorizado: a ternura, o cuidado com as pessoas, a ocupação com tarefas menores - as tarefas domésticas (IBID, p.29).

Anos mais tarde, surgiu na Itália um novo fenômeno entre as mulheres de classes superiores: o das mulheres letradas. Elas tiveram a oportunidade de estudar receberam esse título por participarem de uma nova geração de mulheres intelectuais. Contudo só podiam escrever versos, pois era vetada a possibilidade de seguir na carreira acadêmica ou literária. Não se esperava que houvesse uma manifestação em público por parte das mulheres, era impróprio, uma mulher de valor era de poucas palavras, o excesso da fala era associado a falta de castidade e luxúria. Isotta Nogarola é uma das raras notórias escritoras deste período que escreveu mais que versos e que quebrou com a tradição das mulheres silenciosas. Nascida em 1418, de família nobre com longo histórico de mulheres estudiosas e reconhecidas pelo intelecto em sua família, aprendeu latim e grego precocemente e aos 18 anos já era aclamada dentre a elite intelectual humanista sendo reconhecida e prestigiada por seus contemporâneos, ao mesmo tempo a notoriedade obtida no meio filosófico, incomum a uma mulher na época, despertou muito incômodo na sociedade. Em 1436, Nogarola tem uma de suas cartas endereçadas a uma das figuras mais famosas do humanismo de seu tempo, Guarino Veronese. O filósofo a surpreende, pois, mesmo tendo reconhecido seu potencial ele lhe recomenda o abandono da carreira acadêmica e o casamento, o humanista:

Segundo Guarino, Isotta deveria dissociar-se do seu sexo e cultivar a sua alma masculina – “tornar-se um homem” – para atingir os seus objectivos e ser estimada pelos homens, podendo assim participar no mundo académico masculino (RODRIGUES, 2014, p.40).

A atitude do humanista decepciona a escritora que já estava desacreditada no meio filosófico. Em meados de 1439, uma sátira fora publicada expondo a uma situação constrangedora que mudou os rumos de seus estudos, insultando as mulheres letradas, dentre elas Isotta, sendo acusada falsamente de promiscuidade e incesto.

Muitos humanistas se pronunciaram a seu favor, a defendendo das acusações, contudo, grande fosse a ajuda da elite intelectual que lhe admirava e reconhecia seus valores e integridade, sua carreira estava comprometida. Indignada por perceber o quão injustos e misóginos foram os julgamentos sobre sua imagem e contestações em cima de toda uma vida de estudos e colaboração para a comunidade filosófica, no ano de 1441 ela abdicou totalmente de sua carreira acadêmica e vida pública para se dedicar as obras de cunho religioso, adotando a reclusão em um retiro religioso até o fim de sua vida.

Durante este período Isotta escreveu o que seria sua obra prima, conhecida por Diálogo entre Adão e Eva, onde ela afirmava a igualdade entre gêneros por meio das escrituras. Assim como Christine de Pizan, que transgrediu as regras impostas pela sociedade indo contra todo o machismo vigente e sistema patriarcal, Isotta faz parte do que podemos chamar de protofeminismo.

Séculos mais tarde, na França absolutista da corte de Luis XVI, marcada pelo mercantilismo com forte intervenção do Estado no comércio e pela sociedade estamental reforçando as diferenças sociais, deflagra-se a Revolução Francesa que põe fim na estrutura política, econômica e social com heranças feudais consolidando assim o desenvolvimento do capitalismo. Em meio a um cenário caótico de crise econômica, política, desigualdade social, somada a inúmeras revoltas populares em diversas províncias, os ideais iluministas ganham força, propondo a divisão de poderes, uma sociedade igualitária em direitos e liberdade econômica.

No decorrer deste marco, o Iluminismo emanou o debate entre as mulheres sobre suas posições na sociedade, que, comparada ao homem, ainda estava engatinhando no que se refere aos direitos civis. Uma realidade que, até então, estava resumida ao ambiente familiar, cuidados com filhos. Além disso, não existia vida pública, muito menos participação política dessas mulheres, pois o menor sinal desses comportamentos era visto como algo vergonhoso, inadequado e desonroso.

Mesmo no conhecido “Século das Luzes” onde se pregava a liberdade individual, os pensadores contemporâneos pregavam a diferença na educação entre os gêneros, as mulheres deveriam aprender desde cedo o necessário para ser uma boa esposa, uma excelente dona de casa e uma mãe apta a tornar seus filhos bons cidadãos. Instruí-las a um universo além desse contexto estava fora de cogitação pois cabia ao homem a formação acadêmica e era dele a responsabilidade de estar à frente das decisões importantes nas esferas sociopolíticas.

Jean Jacques Rousseau, um dos teóricos iluministas mais prestigiados da época, que ditavam os modos da sociedade francesa do século XVIII, em seu livro Emílio ou Da Educação, discorre da seguinte maneira sobre o casamento:

Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco (...) estabelecido este princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos

direta: seu mérito está na sua força, agrada, já, pela simples razão de ser forte (ROUSSEAU, 1995, ed.3 p.424).

Em contrapartida, haviam filósofos iluministas que apoiavam a inserção das mulheres na vida pública e defendiam a igualdade entre os sexos, foram poucos, porém, causaram bastante incômodo na sociedade francesa. A exemplo temos o Marquês de Condorcet, um grande defensor da educação para todos e dos direitos civis. Segundo Bandinter:

Condorcet, o filósofo mais feminista de seu século, o único que se empenhou em mostrar a igualdade natural e política entre o homem e a mulher. Ele denunciou as "leis opressivas que os homens fizeram contra elas"⁴⁰ e militou por seus direitos de cidadãos (direito de voto, mas também direito à elegibilidade para as funções públicas), com a condição de lhes ser dada uma educação semelhante à que se dispensa aos homens. Para ele, o talento feminino não se limita à maternidade. A mulher pode ter acesso a todas as posições, pois só a injustiça, e não sua natureza, lhe proíbe o saber e o poder (BADINTER, 1985, p.121).

Mesmo com dificuldades de se impor, muitas mulheres iam contra as ideologias que as rebaixavam chegando a participar ativamente dos acontecimentos políticos da Revolução Francesa. Rebelaram-se à ideia conservadora de que a mulher deveria ficar reclusa ao lar e lutaram pela igualdade de direitos.

Marie Gouze, escritora humanista de codinome Olympe de Gouges, foi uma das mais atuantes pelos direitos civis e pela cidadania política da mulher durante a Revolução. A líder feminista vinda de classe social inferior, participou intensamente dos movimentos políticos da época escrevendo e distribuindo panfletos reivindicando uma sociedade igualitária, além de atuar e em peças teatrais de sua autoria com mensagens políticas e participar assiduamente nas manifestações de rua. Em 1791, no auge de sua vida pública, publicou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. A seguir, um trecho de sua declaração:

Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e seus deveres; que, para gozar de confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e, que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral (LAGELÉE & MANCERON, 1998, p.60).

A Declaração de Olympe foi em resposta à Constituição dos Direitos dos Homens e dos Cidadãos concebida em 1789, em que vetava a participação das mulheres e negros. Foi um manifesto político sobre a hipocrisia gritante entre os revolucionários, que carregavam o discurso de "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". Marie ousou com bravura ao defender e reivindicar abertamente a igualdade para as

mulheres no direito ao voto, à propriedade privada, no reconhecimento de filhos nascidos fora do casamento, aos cargos públicos, à herança e, sobretudo, uma igualdade na educação.

O documento escrito por Olympe de Gouges criticou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e também demonstrou o apelo às mulheres para que as mesmas se posicionassem frente aquilo que lhes estava acontecendo. A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã contou com 17 artigos que reivindicavam e demonstravam os direitos das mulheres, tais como a igualdade, a liberdade, a justiça, a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões, entre outros. Mesmo com algumas mudanças de paradigmas atribuídos às mulheres, alguns artigos elencados na Declaração ainda não se encontram assegurados de maneira sólidas, especialmente, no que se refere a igualdade entre homens e mulheres e o direito à livre comunicação de pensamentos e opiniões. (MONTEIRO & GRUBBA, 2017, p.263).

Em 1793, contudo, a ativista foi presa sendo acusada de ir contra os valores republicanos, sem direito a defesa é brutalmente decapitada na guilhotina deixando um inspirador legado de luta.

Em paralelo aos acontecimentos da França, a inglesa Mary Wollstonecraft destaca-se por sua importância para o movimento feminista com seu ativismo.

Nascida em 1759, numa família de posses que por má administração dos recursos perdeu tudo, teve uma infância difícil compartilhada com seus sete irmãos marcada pela presença agressiva do pai. Autodidata, aprendeu a ler apenas aos 14 anos e cinco anos mais tarde, na busca por sua independência financeira, consegue um emprego como governanta de um rico negociante na cidade de Bath, que não dura muito tempo pois sua mãe que se encontrava doente necessitava de seu aparato por se encontrar enferma.

Aos 25 anos junto a sua amiga ilustradora e educadora Fanny Blood e suas irmãs Everina e Eliza, fundam uma escola no bairro Newington Green, ponto de encontro de muitos intelectuais liberais, lugar de bastante influência em sua jornada em prol da educação feminina.

Herdeira da filosofia empírica de Francis Bacon e de John Locke, a autora argumentava que a desigualdade social e política entre os sexos devia-se sobretudo à educação diferenciada que as mulheres recebiam, e ao cerceamento da sua liberdade, por convenções sociais longamente estabelecidas. Para ela, só um sistema educativo nacional, universal, misto e igual, poria fim à falsa moralidade nas relações entre os sexos, e permitiria que as mulheres se transformassem em criaturas racionais, ganhassem a sua independência econômica, e se tornassem cidadãos livres (ABREU, 2002, p. 444).

Em Newington conhece Joseph Johnson, editor de textos radicais, que a convida para trabalhar em seu jornal como revisora e tradutora. Entusiasmado com o discurso de Wollstonecraft, o editor lhe incentiva a escrever um livro sobre seus pensamentos acerca da educação. Em 1786, a escritora publica o panfleto “Pensamentos sobre a educação das filhas: com reflexões sobre a conduta feminina”;

Mary analisou as restrições educacionais impostas às jovens, assim mantidas em um estado de “ignorância e dependência”. Mostrou-se especialmente

crítica da sociedade que encorajava as jovens a ser “dóceis e atentas à aparência”, concluindo com a sugestão de uma ampla reforma do currículo escolar (GARCIA, 2011, p.46).

Passando a dedicar-se à literatura desde então, a escritora participou regularmente com suas contribuições para a revista *Revisões Analíticas*, adentrando assim na vanguarda artística e intelectual inglesa;

Mary Wollstonecraft vive em uma época de grandes revoluções intelectuais influenciadas pelas ideias oriundas da Revolução Francesa. Tais experiências, aliadas à proximidade de vários pensadores da época como William Godwin, William Blake e Thomas Paine, propiciaram o surgimento de uma escritora engajada em ideias acerca da igualdade de direitos de homens e de mulheres (MULLER, 2015, p.48).

No ano de 1791, seu amigo e filósofo Richard Price, fez um sermão em apoio a Revolução Francesa que incentivou Mary a escrever vários textos políticos sobre variados temas, inclusive abolicionistas;

Um desses artigos, A reivindicação dos direitos do homem, chamou a atenção de autores como Tom Paine, William Blake, Edmund Burke, Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, levando a que as ideias da autora fossem discutidas nos principais círculos intelectuais da França e do Reino Unido. Escrito em menos de trinta dias esse texto a tornou famosa (GARCIA, 2011, p.46).

Em 1792, assim como Olympe de Gouges, escreve a *Reivindicação dos Direitos da Mulher* como resposta à *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Considerado uma das bases fundamentais do pensamento feminista moderno, traduzido em diversas línguas, a obra traz críticas em torno da cultura patriarcal arraigada à sociedade inglesa que pôs a mulher no patamar de inferioridade e subserviência em relação ao homem. O livro foi um símbolo de luta contra a moral sexista e conservadora da época;

“Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força tanto da mente quanto do corpo e convence-las de que frases suaves, a susceptibilidade do coração, a delicadeza dos sentimentos e o gosto refinado são quase sinônimos de epítetos de fraqueza, e de que os seres que são apenas objeto de piedade e daquela espécie de amor que, por definição, lhe é próxima logo se tornarão alvo de desprezo.”. (WOLLSTONECRAFT, 1759-1797, reimpressão, 2016, p.27).

Mary fez críticas explícitas às posturas sobre o posicionamento de diversos filósofos em relação a erudição das mulheres;

Acusem-me de arrogância; ainda assim, declaro acreditar firmemente que todos os escritores que têm tratado do tema da educação e das maneiras femininas, desde Rousseau até o d. Gregory, têm contribuído para tornar as mulheres mais artificiais e de caráter mais fraco do que elas realmente são; e, conseqüentemente, membros mais inúteis da sociedade. Eu poderia ter expressado essa convicção em um tom mais baixo, mas temo que pareceria um lamento afetado, e não expressão fiel de meus sentimentos, do claro resultado que extraí da experiência e da reflexão (IBID, p.42)

A autora sempre defendeu que através da educação as mulheres alcançariam a emancipação, saindo de vez do obscurantismo da ignorância sob a qual seu gênero foi levado;

Mary: é radicalmente moderna, uma vez que planta as raízes de dois conceitos fundamentais que o feminismo ainda maneja no século XXI: a ideia de gênero - aquilo que é considerado como natural nas mulheres é, na realidade, fruto da repressão e da aprendizagem social, ou como dirá Simone de Beauvoir: não se nasce mulher, torna-se (GARCIA, 2011, p.47).

Na mesma esteira deste movimento, no Brasil tivemos Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta, nordestina considerada a pioneira do movimento feminista em nosso país.

Nascida em 1810, no interior do Rio Grande do Norte, cresceu no Brasil colonial onde as mulheres, em sua grande maioria eram analfabetas, e suas vidas resumiam-se ao ambiente familiar. Apesar de sua grande relevância para história nacional, poucos são os registros e pesquisas sobre a vida e obra da escritora, do pouco do que se tem o conhecimento, há uma clara noção de sua excentricidade e importante colaboração para a história feminista no Brasil. Além de professora, Nísia foi atuante na imprensa nacional, de acordo com Constância Lima Duarte;

Nísia Floresta deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas suas colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, de contos, de poesias e de ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional, desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembramos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional (DUARTE, 2002)

O discurso de Dionísia causava incômodo pois defendia abertamente os direitos e a educação das minorias: mulheres, índios e escravos e lutava veementemente contra o sistema patriarcal. Seu legado traduz-se em livros, tendo o seu primeiro publicado em seus 22 anos, no ano de 1832, *Direitos da Mulher e Injustiça dos Homens*, obra esta que lhe consagrou como a precursora do movimento feminista no Brasil.

Inspirada no Livro Reivindicação dos Direitos da Mulher, de Mary Wollstonecraft, Nísia traduziu a obra e adaptou para a realidade brasileira, segundo a pesquisadora Constância Duarte:

A autora definitivamente não realizava uma tradução da Wollstonecraft, e muito menos plagiava a inglesa ou qualquer outro autor. O que realmente ela faz é se apropriar e adaptar à realidade brasileira, as muitas idéias a respeito do tema que circulavam na época, e tratar a questão feminina a partir de uma perspectiva nacional, o que altera fundamentalmente o problema. O livro de Nísia contém uma intencionalidade e o projeto pessoal e político da autora: o de interferir na sociedade de seu tempo e esclarecer as mulheres (DUARTE, 1998, p.254).

Segundo Duarte (2003), este trata-se do primeiro livro, em território nacional, a levantar a bandeira da educação e do direito ao trabalho às mulheres. A autora ainda reivindica que se considere a mulher como um ser pensante e merecedor de respeito. Tendo em vista os diferentes contextos históricos da Inglaterra e do Brasil, os textos das autoras se aproximam pela denúncia da opressão feminina e reivindicação de direitos básicos, como uma educação de qualidade para o gênero.

4.1.1.1 As três ondas do feminismo

Analisando a trajetória do feminismo, vemos que as mensagens de Mary, Olympe, Isotta, Christine e de tantas outras, que lutaram pelos direitos da mulher, foram fonte de inspiração para as mulheres das gerações seguintes e força motriz para a formação da primeira onda do feminismo.

Ressaltando que as ondas feministas aqui apontadas são um recorte da história ocidental, mais especificamente Europa e Estados Unidos, que apresentam diferentes contextos socioculturais e reivindicações do movimento.

Em meados do século XIX e início do século XX, em meio aos processos de urbanização e industrialização com a nova classe proletária, o movimento sufragista, protagonizado pelas mulheres brancas, de elite, surge como luta pelos direitos iguais através da educação, pela relação mais simétrica dentro do casamento e o direito ao voto, sendo este último um dos mais marcantes movimentos dentro das reivindicações.

É fundamental ressaltar que no século XIX se dá um grande paradoxo. Por um lado, as mulheres ficaram divididas. Como se costuma assinalar, o capitalismo alterou as relações entre os sexos. O novo sistema econômico incorporou massivamente as mulheres ao trabalho industrial como mão de obra mais barata e submissa do que os homens. Por seu turno, as burguesas ficaram enclausuradas em uma casa que era, cada vez mais, símbolo de status e êxito social do homem. As mulheres, majoritariamente as da classe média burguesa, experimentavam com crescente indignação sua situação de propriedade legal dos maridos e sua marginalização da educação e das profissões liberais, situação que, em muitas ocasiões, as conduzia, caso não contraíssem matrimônio, à pobreza (GARCIA, 2011, p. 65).

Em 1848, Elizabeth Stanton, nos Estados Unidos, promove um encontro, que reúne 300 pessoas, para discutir a condição da social política da mulher, essa reunião resultou na Declaração dos Sentimento, considerado como texto fundador do movimento sufragista estadunidense, sendo um marco na história internacional da luta feminista. Também pode ser tida como uma resposta a Declaração da Independência dos EUA, que impôs inúmeras restrições às mulheres;

A Declaração questionava as restrições políticas: não poder votar, nem ser candidata, não poder ocupar cargos políticos ou assistir a reuniões políticas. Também se colocavam contra as restrições econômicas: a proibição de ter propriedades, uma vez que os bens eram transferidos ao marido; a proibição de dedicarem-se ao comércio, ou terem seu negócio próprio ou abrirem contas correntes em bancos. Em resumo: a Declaração se colocava - e de

maneira muito direta - contra a negação dos direitos civis e jurídicos às mulheres (IBID, p.55).

A saída das mulheres às ruas em forma de protesto, em busca de participação política. Várias charges circularam na época com o intuito de ridicularizar o movimento, associando as sufragistas a solteironas agressivas, rancorosas, raivosas, etc.

Mesmo com todo empenho e luta por igualdade, os feitos das sufragistas não eram levados a sério, isso fez com que o movimento tomasse uma postura mais radical, porém não durou muito tempo, por perceberem que tal comportamento não daria bons frutos;

as líderes das associações sufragistas norte-americanas, não obstante se regozijarem com o tremendo surto de interesse pelo sufrágio feminino que essa militância mais agressiva provocou, temiam as suas consequências, insistindo na moderação (ABREU, 2002, p.455).

Tendo em vista que a luta pelos direitos dependia apenas da união das mulheres, Stanton lidera o movimento, conquistando várias companheiras de luta;

Os avanços foram lentos e, ante as dificuldades, as alas do movimento sufragista voltaram a se unir com a chegada do novo século. Em 1910, organizaram imensos desfiles. Das mais moderadas às mais radicais, desenvolveram uma atividade frenética até conseguir em 1918 que o presidente Wilson anunciasse seu apoio ao sufragismo e um dia depois a Câmara dos Representantes aprovou a décima nona emenda. Mas apenas em 1920 ela entrou em vigor Elizabeth Cady Stanton dando por fim o direito às mulheres estadunidenses a votarem (GARCIA, 2011, p.57).

Ainda nos EUA, destaca-se Sojourner Truth, mulher negra, que nasceu em condição de escravizada no ano de 1797 em Nova Iorque, foi representante das diversas vozes, tidas como minoria, que se uniram ao movimento. Truth foi ativista abolicionista dos direitos das mulheres negras e fez um importante discurso que se tornou um marco no desenvolvimento do feminismo negro, reverberando fortemente mais à frente na terceira onda, reivindicando nada menos que igualdade;

Creio que com esta união dos negros do sul e das mulheres do norte, todos falando de direitos, os homens brancos estariam com grandes problemas bem rapidamente. Este homem diz que as mulheres necessitam da ajuda dos homens para subirem nas carruagens, cruzar as ruas, e que devem ter o melhor lugar em todas as partes. Mas a mim ninguém me ajuda a subir em carruagens, nem me deixam o melhor lugar. Por acaso eu não sou uma mulher? Olhem-me! Olhem meus braços! Eu ari e plantei e colhi e nenhum homem era melhor do que eu! E por acaso eu não sou uma mulher? (...) tive treze filhos e os vi serem vendidos como escravos e enquanto eu chorava com a dor de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouvia! E por acaso eu não sou uma mulher? (IBID, p.59).

Ela ainda reitera sobre o direito maternal da mulher negra, narrando que chegou a ter treze filhos e que a maioria foram vendidos para a escravização sem ter o direito de criá-los. Em seu discurso ela enfrenta pela primeira vez a questão de raça

e gênero indo contra o pensamento coletivo de uma mulher universal: branca. Vale salientar que a luta das mulheres ganha força graças à associação à causa abolicionista.

Na década de 1830, muitas mulheres brancas no norte dos EUA dentre elas operárias e donas de casa de classe média insatisfeitas com as explorações sofridas dentro do matrimônio e nas fábricas, engajaram-se com na luta antiescravista se identificando e percebendo que no movimento teriam voz nos espaços públicos.

Angela Davis e seu livro *Mulheres, Raça e Classe* evidencia o quão a junção das lutas fora importante para os dois lados;

Trabalhando no movimento abolicionista, as mulheres brancas tomaram conhecimento da natureza da opressão humana – e, nesse processo, também aprenderam importantes lições sobre sua própria sujeição. Ao afirmar seu direito de se opor à escravidão, elas protestavam – algumas vezes abertamente, outras de modo implícito – contra sua própria exclusão da arena política. Se ainda não sabiam como apresentar suas reivindicações coletivamente, ao menos podiam defender a causa de um povo que também era oprimido (DAVIS, 2017, p.58-59).

Paralelamente, na Inglaterra de 1830-40 as inglesas começam a se organizar em movimentos libertários e em 1847, Anne Knight junto a outras companheiras, funda a primeira Associação Política Feminina britânica, com o intuito de juntar forças na luta pelo voto feminino.

Em uma das assembleias da associação, em 1866, nasce a petição a favor do voto feminino no parlamento inglês que chega nas mãos do deputado John Stuart Mill, que foi de suma importância para o movimento, ao apresentá-la representando assim o movimento sufragista.

No seu discurso parlamentar, Mill fez ver aos Comuns e ao povo britânico que a luta das sufragistas significava uma enorme mudança social. Segundo as suas próprias palavras, 'ter sido porta-voz da causa das sufragistas foi o serviço público mais importante que prestou durante o seu mandato' (ABREU, 2002, p.459).

Infelizmente a petição foi negada, porém, vale salientar o importante papel de Harriet Taylor Mill, sua esposa. Filósofa e defensora dos direitos das mulheres, sua influência foi decisiva no empenho do deputado no parlamento. Anos mais tarde ocorreram sucessivas reformas nas leis eleitorais, porém as mulheres não foram incluídas, pois muitos políticos eram contra o sufrágio, tendo um destaque os conservadores.

Em tempo, muitas foram as organizações em prol do sufrágio feminino, destacam-se a União Nacional das Sociedades de Mulheres pelo Sufrágio, presidida por Millicent Garret Fawcett, de postura mais pacífica e a União Social e Política Feminina, liderada por Emmeline Pankhurst e suas filhas em 1903, de postura mais radical, com estratégias mais agressivas.

Após anos de luta e massivas mobilizações, greves de fome, torturas e mortes, as britânicas conseguiram o direito ao voto e a cidadania;

A lei parlamentar Representation of the People Act, aprovada no Parlamento inglês, em 1918, e a 19ª Emenda à Constituição americana, de 1920, constituem, assim, marcos fundamentais na história da emancipação das

mulheres na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos — produto de mais de três séculos de reivindicação e de luta pela melhoria da condição social e política das mulheres (IBID, p.465).

Voltando para o Brasil, a primeira onda manifesta-se no início do século XX, segundo Pinto (2003), caracterizou-se por três vertentes, na qual a primeira, e mais forte, liderado pela bióloga Bertha Lutz, onde a pauta seria a conquista dos direitos políticos, de posicionamento mais pacífico. A segunda vertente nota-se uma forte presença da imprensa feminista alternativa, tendo como protagonistas mulheres cultas, dentre elas escritoras, jornalistas e professoras. Seu discurso em relação à primeira vertente é mais amplo, defendem também a educação e questionam o pensamento sexista da época. Seus textos muitas vezes causam impacto pela abordagem de temas delicados, tais como a sexualidade. Já na terceira vertente temos um viés anarquista, com a notória participação do Partido Comunista e organizações operárias e intelectuais de esquerda que atuam de forma radical pela emancipação feminina dos meios opressores. Destaca-se nesta época a mineira anarcofeminista Maria Lacerda de Moura.

Situada entre os anos de 1960-80, no mundo estava sob consolidação da Guerra Fria, uma guerra indireta entre as potências Estados Unidos que defendia o sistema capitalista e União Soviética, defendendo o socialismo. Era uma época onde havia uma corrida espacial, uma guerra tecnológica que o intuito era a conquista do espaço com lançamentos de satélites que perduraram até a chegada em 1969 de Neil Armstrong à Lua.

O mundo dividia-se entre dois grandes polos ideológicos e muitos movimentos sociais contrapondo-se a eles se deflagram, como por exemplo os de contracultura, dentre eles o hippie, o pacifista e o pantera negra.

Desde a inserção da mão de obra feminina nas fábricas com o surgimento da classe operária, junto a conquista do sufrágio feminino se estendendo em boa parte dos países ocidentais, até a deflagração das duas guerras mundiais com a indisponibilidade de homens no mercado de trabalho devido ao combate armado, houve uma grande valorização do trabalho feminino.

Porém, com o final da guerra o cenário volta ao habitual e a mulher se vê forçada a ceder seu lugar na indústria para o sexo oposto, voltando assim para os afazeres domésticos.

Neste momento ocorre o que chamamos de segunda onda do movimento feminista onde há um questionamento em torno do que é ser mulher e sobre os padrões sociais atribuídos aos sexos. O foco da luta feministas desse período situa-se no ambiente familiar, privado, um lema muito falado na época era o de “o privado é político”. A violência contra a mulher e sua liberdade sexual assim como o uso de pílulas e o aborto também faziam parte da pauta.

Simone de Beauvoir, filósofa e escritora francesa, é um dos nomes mais conhecidos desta fase que em 1949 publica seu livro *O Segundo Sexo*, considerado um marco na história do feminismo.

A autora questiona a posição do outro na qual o sexo feminino foi imposto pela lógica patriarcal e o universalismo adotado no uso da palavra homem. Ela afirma que a diferença dos sexos se encontra na construção social e usa do ponto de vista da biologia, psicanálise e do materialismo histórico para ilustrar esse lugar de submissão. Em um famoso trecho de seu livro Beauvoir sintetiza bem o que se é discutido;

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967).

Outra escritora que merece um destaque nesta época foi a americana Betty Friedan que publica em 1963, *A Mística Feminina*, livro este que partiu das observações da autora que, a partir de sua vivência junto a de mulheres entrevistadas por ela, percebe um movimento da indústria de consumo americana junto a mídia e instituições de ensino que seguem o mesmo padrão europeu de pós guerra, onde as mulheres eram forçadas a ceder o espaço no mercado de trabalho para os homens. Betty nota uma construção de um novo ideal de mulher americana que, denominando este fenômeno de mística feminina, e o investiga. A autora levanta questionamentos acerca da imagem vendida da dona de casa submissa que se casa cedo, abandona a Universidade e uma carreira promissora e doa sua vida em prol do bem estar da família, no famoso *American Way of Life* (Estilo de Vida Americano).

Em sua pesquisa, Friedan vê que com o passar dos anos essa dona de casa desperta dessa realidade encantada e chega na conclusão de que as coisas não estão indo bem.

Por vezes uma mulher dizia-me que a sensação tornava-se tão opressiva que ela saía de casa e punha-se a caminhar a esmo pelas ruas. Ou então desatava a chorar. Ou então as crianças contavam uma anedota e ela não ria simplesmente porque nem a ouvira. Conversei com mulheres que haviam passado anos em sofás de analistas, procurando «ajustar-se ao papel feminino», tentando resolver bloqueios para «sentir-se realizada como esposa e mãe» (FRIEDAN, 1971, p.22).

Vale salientar que o feminismo abordado por Simone de Beauvoir e Betty Friedan resume-se à bolha das mulheres brancas de classe média.

Trazendo a onda para os trópicos tupiniquins, no início dos anos 60 o Brasil passava por uma grande efervescência no cenário cultural, terreno fértil para o surgimento de movimentos como a Bossa Nova.

Nesta época há uma pressão externa provocada pelos EUA onde há uma demonização do socialismo e o presidente da época, João Goulart que exerce o mandato após a renúncia de Jânio Quadros, é extremamente criticado pela ala conservadora do país (empresários, exército, classe média/alta e uma boa parte da Igreja Católica) por propor reformas de base. Ao se ver sem apoio do congresso nacional, o presidente sofreu um golpe militar em 1964.

Após o governo militar fechar o congresso e decretar o Estado de Sítio, governa o país através de atos institucionais, sendo o mais conhecido e mais violento na história o ato institucional 5. No AI5, promulgado em 1968, ocasiona a retirada dos direitos civis e individuais, impõe-se a censura, tortura, cassação de direitos políticos, ocorrem muitas prisões arbitrárias, desaparecimentos e exílios de muitas personalidades importantes como o educador Paulo Freire.

Enquanto nos EUA e Europa as mulheres tinham, ao menos, a liberdade de lutar por seus direitos e espaço, o Brasil vivia no início de uma ditadura militar que perdurou até 1985.

Ao falar em feminismo no Brasil dos anos 60 dever-se lembrar do espanto da população em relação ao assunto causado pelo desconhecimento; do preconceito resultante do sexismo de uma sociedade conservadora ditada por generais e, do

desdém, da esquerda intelectual por considerar a luta inferior à luta “maior” contra a ditadura militar.

Nas primeiras manifestações feministas da segunda onda nota-se a advogada Romy Medeiros, militante de classe alta que tinha boa relação com a elite conservadora e empresários, sua investida remete à de Bertha Lutz, por seu pacifismo. A história de Romy é conhecida por propor na década de 50 o Estatuto da Mulher Casada, aprovado no ano de 1962, que livra a mulher da dependência do marido. Em 1972 preside o primeiro Conselho Nacional das Mulheres onde temas, polêmicos à época, como o planejamento familiar e divórcio foram debatidos.

Em 1975 realiza-se um evento patrocinado pela ONU intitulado “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, se tornando um marco na história do feminismo do país, segundo Pinto (2003), em depoimento recebido de uma das organizadoras do evento;

Muita gente não quis participar por medo da repressão, apesar de termos conseguido um verdadeiro documento assinado pela ONU. Também pusemos um monte de homens na programação, porque era impensável na época fazer alguma coisa pública não-mista, e inventamos o nome pomposo de “Pesquisas sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira” para não usar o termo ‘feminista’, que assustava as pessoas (PINTO, 2003, p. 57).

O evento propiciou a abertura em 1975 do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, que perdurou até 1979, foi uma forma de institucionalizar e tornar o movimento público e não dar margem para pressupõem que as reuniões dos grupos de mulheres fossem algo clandestino. O centro abrigava três diferentes vertentes do feminismo, a marxista, a liberal e a radical. Embora sejam nítidos tais avanços para as mulheres, elas estavam presas as censuras e as pautas marxistas e liberais na quais a oposição se encontrava dificultando em cheio o desenvolvimento feminista no país que dava seus primeiros passos, contudo, mesmo com sua fragilidade em relação ao momento político em que se encontrava, o movimento feminista finca suas raízes em solo nacional abrindo espaço para a perpetuação da luta.

A terceira onda do movimento tem seu início nos anos 90 e perdura até os dias atuais. Nesta fase falaremos do feminismo interseccional que abraça a pluralidade, há uma conscientização da diversidade no campo teórico do feminismo que por muito tempo passou despercebido, universalizando o “ser mulher” em torno de um grupo social seletivo de mulheres brancas de classe média e alta. Nesta fase as mulheres negras são devidamente notadas; a voz de Sojourner Truth em meados do século XIX na primeira onda, ecoa e promove a base para a consolidação do movimento feminista negro, tendo como uma de suas grandes atuantes, até os dias de hoje, a ativista política, professora universitária, escritora e filósofa Angela Davis. Em seu livro *Mulheres, Cultura e Política* a autora questiona o movimento feminista da seguinte forma;

Será que, quando historiadoras feministas do século XXI tentarem resumir a terceira onda, vão ignorar as grandiosas contribuições das mulheres afro-americanas, que têm atuado como líderes e ativistas de movimentos frequentemente restritos a mulheres de minorias étnicas, mas cujas realizações levaram invariavelmente a avanços nas causas das mulheres brancas? (DAVIS, 2017, p.20).

Nascida na cidade Birmingham, no Alabama (EUA), na época em que se havia a segregação racial no estado, tal condição somada a violência e intensos ataques

racistas promovidos pela *Ku Klux Klan* contra a população negra aflorou sua revolta contra e seu ativismo para a defesa dos seus. Sua formação acadêmica passa pelos EUA, França e Alemanha.

Nos anos de 1960 em plena Guerra Fria, Angela filia-se ao Partido Comunista o que resulta numa perseguição política. Anos mais tarde torna-se uma das líderes no Partido dos Panteras Negras, grupo político e social de combate ao racismo que se difundiu entre os anos 60-70 por todo país tornando-se um alvo de investidas policiais e governamentais.

Devido a um episódio em que os Panteras Negras fizeram uma investida no prédio da Assembleia da Califórnia, o FBI passou a perseguir Davis acusando-a de ser uma das mentoras da invasão. Após dois meses de fuga, no ano de 1971 Angela é presa o que causa grande movimentação na mídia travando debates sobre a condição da pessoa negra na sociedade americana. Após seu aprisionamento, recebe a solidariedade de inúmeras que pressionam as autoridades por sua liberdade, surgindo assim o Movimento Internacional Pela Liberdade de Angela Davis, que repercutiu no mundo inteiro. Davis é símbolo de luta e seu ativismo, que dura até hoje, rendeu vários livros que são referência no movimento feminista negro e antirracistas.

Outra referência da terceira onda é Judith Butler, filósofa estadunidense e professora universitária, reconhecida por diversos prêmios renomados por sua contribuição ao feminismo, ética filosófica e as suas pesquisas e ativismo em defesa da comunidade LGBTQ+. Butler também é considerada uma das mais destacadas teóricas do movimento *Queer* que afirma que ninguém nasce homem ou mulher, mas se aprende a desempenhar esses papéis. Em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* a autora questiona o ponto de vista construído acerca do feminino sob base no sistema binário feminino-masculino, modelo moldado socialmente, limitando as possibilidades e liberdade do sujeito mulher que não se enquadra nos padrões normativos deste sistema;

Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos. Por outro lado, é tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. (BUTLER, 2003, p.22-23).

Nossa sociedade foi condicionada a levar em consideração as questões de gênero como base e justificativa dos comportamentos que viram a ser tidos de homem e de mulher.

Assim que se nasce atribuímos valores pré-determinados, mesmo que inconscientemente, ao recém-nascido, e isto não é saudável. Essa concepção ultrapassada limita o desenvolvimento da criança, causando frustrações pelo fato de não poder se expor o que se realmente é.

Assim como Butler, Chimamanda Ngozi Adichie, escritora feminista nigeriana também questiona os papéis dados pela sociedade ao se nascer, numa passagem de seu livro *Para Educar Crianças Feministas* a autora relata que:

“Num batizado recente de uma bebê, pediram às pessoas presentes que escrevessem seus votos para a menininha. Uma delas escreveu: “Desejo-lhe um bom marido”. A intenção é boa, mas muito preocupante. Já dizer a uma menina de três meses de idade que um marido é algo a se aspirar. Se fosse

um menino, não passaria pela cabeça dessa pessoa desejar-lhe “uma boa esposa”. (ADICHIE, 2017, p.71).

No Brasil temos Djamila Ribeiro, feminista, filósofa, diplomata e escritora. Seu discurso reverberou nos últimos anos em todo país, se fazendo presente constantemente nas mídias se tornando uma das principais e mais referenciadas vozes no combate ao racismo e do feminismo negro no Brasil.

Em seu livro *Quem Tem Medo do Feminismo Negro* a autora afirma que “numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” (DJAMILA, 2018, p. 84).

4.1.1.1.1 *Patriarcado*

O patriarcado é um sistema de privilégios moldado por homens que, numa visão androcêntrica, submete as mulheres a condições subalternas, menosprezando-as e oprimindo por diversos meios, tais como o sistema econômico associado à mídia com a hipersexualização e objetificação do corpo feminino, criando padrões de beleza e estereótipos com o objetivo de obter lucros. Segundo Marcia Tiburi, em sua obra *Feminismo em Comum*,

O patriarcado é um verdadeiro esquematismo do entendimento, um pensamento pronto que nos é dado para que pensemos e orientemos a nossa ação de um determinado modo, sempre na direção do favorecimento dos homens brancos e de tudo que sustenta o seu poder. Aqui, é bom saber, o que chamo de “homem branco” é apenas uma metáfora do poder, do sujeito do privilégio, da figura autoritária alicerçada no acobertamento das relações que envolvem os aspectos e raça, sexo e classe, idade e corporeidade. (TIBURI, 2018, p.41).

Quando falamos em estereótipos, cabe aqui ressaltar o que foi construído acima da mulher negra que sofre não apenas por ser mulher, mas também por ser negra. Não basta sofrer os preconceitos explícitos e velados, herança de uma história grotesca de escravidão que proliferou ideais racistas e xenófobos, a mulher negra tem que lidar com o fato de ter de enfrentar todo dia o fato de seu corpo ser nitidamente sexualizado e objetificado. Segundo Bell Hooks em seu livro “*Não Serei Mulher?*”.

A designação de todas as mulheres negras como sexualmente depravadas, imorais e perdidas teve a sua raiz no sistema escravagista. (...). De tal pensamento emergiu o estereótipo das mulheres negras como sexualmente selvagens, e em termos sexuais uma selvagem sexual, uma não-humano, um animal não podia ser violado (HOOKS, 1981, p.39).

Segundo Teixeira e Queiroz (2017), o padrão estético de beleza europeu entranhado em nossa cultura oprime a população negra e sua representatividade, desvalorizando-a o que resulta numa procura de um embranquecimento, negando assim sua identidade, sua raça. Djamila Ribeiro levanta o seguinte questionamento;

Mulheres negras historicamente são tratadas com desumanidade, e nossos corpos, como meras mercadorias. Quantas apresentadoras negras há na TV? Quantas atrizes? Quantas jornalistas? Não precisa ser um grande estudioso das questões raciais no Brasil para perceber o quanto as mulheres negras são invisíveis aos olhos da mídia (RIBEIRO, 2018, p.25).

Em 1992, o que Naomi Wolf afirmava sobre a ditadura estética em seu livro, *O Mito da Beleza*, nós vivemos até hoje;

Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. (...) À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social (WOLF, 1992, p.12-13).

Refletir os conceitos validados por uma visão masculina em seu comportamento, como por exemplo, se adequar aos valores concebidos por um consenso sexista de beleza que dita o que é ser mulher e como agir, é uma forma de ser aceita socialmente. Ir contra tais padrões é decretar seu escanteio pela sociedade, que lhe lançará críticas por não ser feminina o bastante em não atingir tal demanda. A ditadura da beleza oprime, escraviza, desestabiliza a autoestima de milhares de mulheres. Este sistema patriarcal impede de todas as formas que as mulheres reconheçam que são donas de si, e que sua sexualidade e seus corpos não devem ser reprimidos por medo de julgamentos infundados.

Não há nada mais absurdo ao patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo do seu corpo, elas devem ser donas de seu corpo reprodutivo. As mulheres precisam reivindicá-lo, porque o corpo feminino, assim como o corpo marcado como negro e o corpo usado – como o do operário -, precisa ser devolvido a si mesmo (TIBURI, 2018, p.37).

4.2 ARTE

Ao analisarmos a história da arte ocidental, vemos o reflexo do sistema patriarcal sexista com seu ponto de vista masculino. A presença feminina como detentora dos meios de produção artística é quase imperceptível chegando a nulidade pois seu protagonismo neste cenário está situado no papel de musa.

A representatividade da mulher através da arte foi se moldando de acordo com os padrões estéticos presentes em cada período histórico. A *Vênus de Willendorf* (28 000 e 25 000 a.C) pode ser considerada como a primeira representação de beleza e ideal feminino que temos registrado. A escultura paleolítica seria a idealização da mulher perfeitamente desejável na época.

Figura 1 - Vênus de Willendorf (28.000-25.000 a.C)



Fonte: Museu de História Natural (2021)

Vale salientar que Vênus corresponde a deusa do amor e da beleza, conhecida também como Afrodite, uma das mais veneradas deusas na mitologia grega, símbolo do ideal de beleza feminina. Inúmeros artistas retrataram sua Vênus no decorrer da história da arte, um dos mais famosos é o Nascimento de Vênus (1484-1486) do renascentista italiano Sandro Botticelli que nos traz uma outra reformulação do padrão estético feminino.

Figura 2 - O Nascimento de Vênus, Sandro Botticelli (1485-1486)



Fonte: Le Gallerie Degli Uffizi (2021)

A retratação de corpus nus femininos por homens se tornar algo recorrente no meio artístico nos revela o lugar de submissão e desigualdade no qual as mulheres se encontravam. A obra Almoço na relva de Manet (1862–1863), tido como um dos grandes mestres da história da arte, é um exemplo;

Figura 3 - Almoço na Relva, Manet (1862)



Fonte: Museu d'Orsay (2021)

Embora a protagonista da tela nos encare enfaticamente, demonstrando estar segura e cheia de si, os dois homens vestidos contrapõem-na em posição de superioridade. Além do fato de estarem vestidos, a visão sobre a mulher que imperava no imaginário popular era a de um ser inferior, mesmo com a segunda onda feminista estando em curso na Europa. A inspiração deste quadro foi “O concerto campestre” Giorgione/Tiziano (1508-1510) que segue o mesmo perpetuado padrão androcêntrico, com as mulheres objetificadas à disposição dos homens;

Figura 3 - O Concerto Campestre, Giorgione/Tiziano (1508-1510)



Fonte: Collections Louvre (2021)

Contemporânea a Manet, Berthe Morisot é uma pintora em que os temas de suas obras são o completo oposto aos pintados pelo artista; “Mesmo ela tendo participado ativamente do grupo nunca deixa seus afazeres domésticos de lado. O papel social dela era bem definido” (HERBSTTRITH, 2015, n.p).

Figura 1 - Sala de Jantar, Berthe Morisot (1886)



Fonte: Reproart (2021)

Tal reconhecimento dado a seu trabalho teve grande influência por seu parentesco com Manet, referência entre os impressionistas. A sociedade necessitava de uma aproximação e aprovação masculina pois duvidada constantemente de sua capacidade intelectual.

“No caso das mulheres artistas, elas são sempre apêndices de alguém: filha de, esposa ou amante de, mãe de... Elas e suas realizações precisam ser justificadas a partir da sua relação com outros. Como crianças que precisam ser conduzidas, as mulheres artistas e suas produções são sempre colocadas à prova, e sua capacidade de criação além dos limites da maternidade e reprodução é regularmente questionada, legitimando a arte como produto da criatividade e da genialidade masculinas.” (LOPONTE, 2002, p.288)

Ainda segundo Loponte (2002), cenas domésticas, crianças, naturezas mortas eram temas frequentes nas telas da mulheres artistas do século XIX, temas esses não muito apreciados pelo mercado da arte.

A atenção maior estava entorno do nu, porém às mulheres estavam impossibilitada o estudo do desenho natural, pois eram realizados com a presença de modelos nus, isto feriria a honra de uma mulher na época. As mulheres que desejassem engajar no meio artístico deveriam recorrer a mestres, ou academias de arte que lhes aceitassem, talvez ocorresse uma eventual aula com modelos nus, mas não era o convencional.

Artemisia Gentileschi foi um exemplo desta condição, de estar sob orientação de um mestre, Agostino Tassi, que por sua vez, protagonizou o que seria um triste e covarde episódio da pintora, ele lhe violentou sexualmente. Estando num patamar subalterno por questões de gênero, ser mulher era está a mercê de diversos abusos e ser cruelmente julgada por sofrê-los. Contudo, este acontecimento traumático não a impediu de trilhar sua trajetória na história da arte.

Figura 4 - Judite decapitando Holofernes, Artemisia Gentileschi (1652-1653)



Fonte: Le Gallerie Degli Uffizi (2021)

Artemísia impactou o meio artístico com suas obras imponentes. Uma de suas mais famosas telas a artista retrata um episódio heróico da bíblia protagonizado por duas mulheres hebraicas; Judite com a ajuda de sua serva decapita o inimigo de seu povo, o chefe de exército assírio Holofernes.

Outra obra de Artemísia interessante de se abordar seria Susana e os anciãos (1610-1611), onde a artista reproduz o nu feminino com a perspectiva de denúncia e não de apreciação, como normalmente os pintores o fazem. Mais uma vez a artista retrata uma passagem bíblica em que ocorre uma tentativa de estupro numa comunidade babilônica, por dois intitulados juízes que invadem a propriedade de uma mulher e a obriga a ter relações sexuais, ameaçando a mulher de acusá-la de adultério, caso não cedesse ao abuso, o que resultaria em pena de morte;

Figura 5 - A bela Susana e os velhos Magistrados (1610)



Fonte: Suplemento Pe (2021)

Gentileschi nos mostra como é contrastante e necessário o ponto de vista feminino e o quão é danoso para a estrutura e imaginário social uma história única, pois ela distorce a realidade e impõe falsos papéis a determinado grupo. Chimamanda Adichie em seu livro “O Perigo de um História Única”, destaca que:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de “nkali”: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2009, p.12)

Sobre essa posição de poder descrita pela autora temos o exemplo do pintor francês Gustav Courbet. Em sua tela “A origem do mundo”, 1866, o artista nos escancara a visão dominante do homem sobre o corpo da mulher, disfarçado sob o olhar contemplativo. A sexualidade feminina é o tema central desta obra o que poderia ser uma iniciativa aplausível caso a autoria partisse de uma artista, pois considerando o momento histórico em que as mulheres tinham seus corpos e desejos reprimidos seria um tanto revolucionário e simbólico para o movimento feminista porém, tendo a obra sido concebida por um homem, só reforça a objetificação do corpo no feminino.

Figura 6 - A Origem do Mundo, Courbet (1866)



Fonte: Vitruvius (2021)

Numa releitura crítica ao quadro de Courbet, a artista francesa Orlan, pinta a tela “A origem da guerra”, 1989, nos trazendo um pênis ereto de um homem branco, o que remete ao falocentrismo que permeia nossas relações, de modo imperativo, violento.

Figura 7 - A Origem da Guerra, Orlan (1989)



Fonte: Warburg (2018)

“Não se trata, evidentemente, de diminuir a beleza e o impacto do quadro de Courbet, reconhecidos mundialmente, mas de observar como uma artista pôde se reapropriar de uma imagem de ampla circulação na atualidade, para questionar o estatuto da guerra, da violência e do pensamento falocêntrico.” (TVARDOVSKAS, 2008, p.6)

Outro ponto que podemos observar nas obras é sobre a simbologia atribuída socialmente aos órgãos genitais. A vulva é representada pelo artista como a origem do mundo, resumindo à mulher o status de reprodutora. O pênis ereto, longe de representações biológicas, é associado pela artista ao poder, ao comportamento masculino culturalmente pregado como imponente, agressivo e violento.

A perspectiva das mulheres sobre o órgão masculino, apreendido como representação da dominação falocêntrica é produtora de uma crítica de gênero bastante específica e localizada, que não pode ser colocada no mesmo estatuto de representações do falo produzidas por homens (IBID. p.4-5).

Uma importante crítica do falocentrismo no campo artístico é a artista visual e performática carioca, Márcia X. Utilizando a sexualidade e o erotismo em suas performances e obras como artifício de denúncia, contrariando a posição submissa à qual as mulheres historicamente foram. Em sua polêmica performance *Desenhando com Terços*, no ano de 2006, Márcia trajada numa camisola branca com o pescoço cheio de terços, em uma espécie de ritual, os distribuiu pelo chão de uma sala formando imagens de pênis, fazendo a junção do sagrado com o profano.

Figura 8 - Márcia X. em performance (2006)



Fonte: Acervo Márcia X.

A artista rompe com imagem da mulher virgem, santificada e sem desejos perpetuada no cristianismo, colocando-a como protagonista da ação junto seu erotismo e suas vontades, enaltecendo sua liberdade sexual. A performance feminista, que tinha como objetivo quebrar os tabus acerca da mulher, casou repúdio na comunidade artística, sendo censurada.

O feminismo é uma ético-política e é uma ético-poética que visa a desestabilizar um estado de coisas caracterizadas por sua injustiça. Uma das maiores injustiças do patriarcado – ou a injustiça originária, aquela que se repete todo dia – é não tornar possível a presença das mulheres na história, nem permitir que elas ocupem algum espaço de expressão na sociedade (TIBURI, 2018, p.92).

Ao falar sobre mulheres e as relações de poder no meio artístico, um grupo de ativistas, intituladas Guerrillas Girls, formam um coletivo, nos anos 80, para pôr na mesa assuntos como a representatividade na arte, hierarquias de gênero, machismo e feminismo como arma para desconstrução deste grande e estruturado maquinário patriarcal.

Se apresentando ao público com máscaras de gorilas as ativistas produzem e direcionam seu manifesto em peças gráficas, performances e intervenções, em vários países às curadorias e críticos de arte disseminando informações que desestabilizam o cenário artístico por evidenciar a discrepância entre os gêneros e a relação histórica de subalternidade feminina.

Nosso anonimato mantém o foco nos problemas e longe de quem poderíamos ser. Usamos máscaras de gorila em público e usamos fatos, humor e visuais ultrajantes para expor preconceitos de gênero e étnicos, bem como corrupção na política, arte, cinema e cultura pop. Nós enfraquecemos a ideia de uma narrativa dominante, revelando o sub-bosque, o subtexto, o negligenciado e o francamente injusto. Acreditamos em um feminismo interseccional que combate a discriminação e apoia os direitos humanos para todas as pessoas e todos os gêneros (GIRLS, 2021)

O grupo surge em Nova Iorque, em resposta a uma exposição em cartaz no Museu de Arte Moderna onde se tinham 165 artistas e dentre esses, apenas 13 eram mulheres.

Figura 9 - Guerrilla Girls em Nova Iorque (1985)



Fonte: George Lange (1985)

Figura 10 - Arte gráfica feita pelas Guerrilla Girls (1989)

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso
Não ter que participar de exposições com homens
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer
Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova
Ser incluída em versões revistas da história da arte
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Fonte: Guerrilla Girls (2018)

Em 2017 elas estiveram no Brasil, para uma exposição no MASP elucidando assuntos desde a condição da mulher como artista à objetificação de corpo;

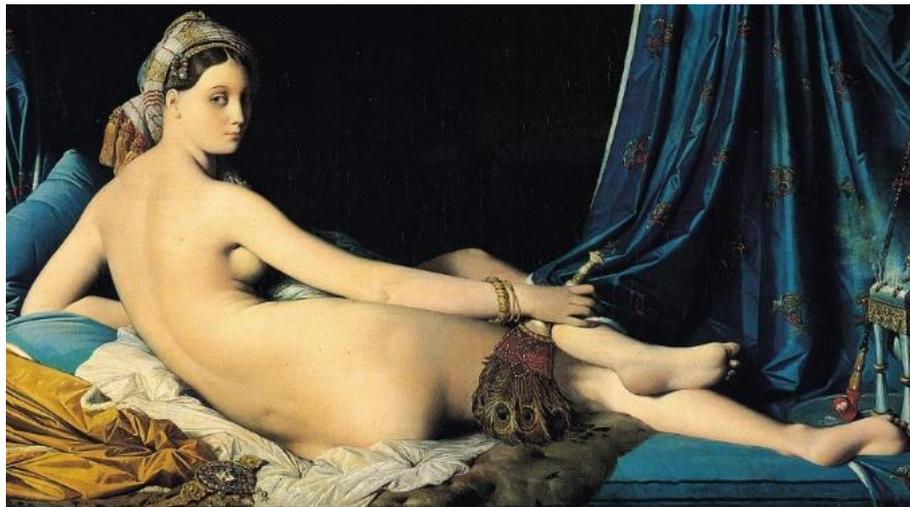
Figura 11 - Arte gráfica feita pelas Guerrilla Girls (2017)



Fonte: Guerrillas Girls (2018)

O cartaz faz referência a uma obra de Jean Auguste Dominique Ingres, feita em 1814 onde comumente figura feminina reproduzida encontra-se despida;

Figura 12 - A Grande Odalisca (1814)



Fonte: Franck Raux (2018)

4.3 DESIGN COMO PONTE

O Design neste trabalho será o veículo comunicativo que conduzirá o debate aqui proposto. Para que a comunicação ocorra é importante que o designer seja objetivo em seu conteúdo, sobre isso Bruno Munari em seu livro *Design e Comunicação Visual*, explica: “Trata-se sempre de uma questão de clareza, de simplicidade. Deve-se trabalhar mais para tirar do que para acrescentar. Tirar o supérfluo para dar uma informação exata, em vez de acrescentar, complicando a informação.” (MUNARI, 2006, p. 58).

O desafio deste projeto é levantar a bandeira da inclusão, através do feminismo associado a ferramenta do design, visto a necessidade da importância de evidenciar

esse movimento que embora muitos sejam os avanços sociais e conquistas políticas, a hierarquia de gênero ainda se faz evidente em nossas relações.

Partindo do fato de que vivemos num país onde os índices da violência contra a mulher, da desigualdade social e a pobreza só aumentam, devemos levar em consideração o poder sociopolítico do design e o quanto ele pode influenciar a construção de valores, ideologias e desejos através de seus produtos traduzidos em objetos, social mídia, identidades visuais, roupas e etc.

O designer tanto pode atuar tanto como agente reprodutor das desigualdades sociais e econômicas existentes entre indivíduos e grupos sociais, quanto como agente emancipador, considerando-se que assume um papel determinante, na tradução das características, necessidades e anseios das pessoas, no processo de desenvolvimento de produtos (ONO, 2004, p.61)

Para ilustrar o poder persuasivo do design basta relembrar a campanha dos países em conflito no período da primeira guerra mundial. A imagem icônica do Tio Sam intimidando os americanos à servirem a pátria é um exemplo nítido.

Figura 13 - Cartaz de Guerra, EUA. James Flag (1917)



Fonte: Time (2021)

O design abrange uma área que foge da lógica mercadológica e foca no resultado social trazido por ele, chama-se de Design Social (ou Design Socialmente Engajado), ou seja, um design crítico, ativamente político e de mobilização social que viabiliza a reflexão, difunde ideologias e luta pela melhoria social. Segundo Marcos Braga (2011):

O objetivo dessa área de atuação é trabalhar com mensagens de denúncia e crítica que objetivam uma mudança no quadro social, econômico e político. Porém, é importante salientar que, por meio dessa reflexão e análise não procuramos fazer qualquer tipo de propaganda política, e sim estudar a atuação de um design engajado e responsável socialmente (BRAGA, 2019, p. 46).

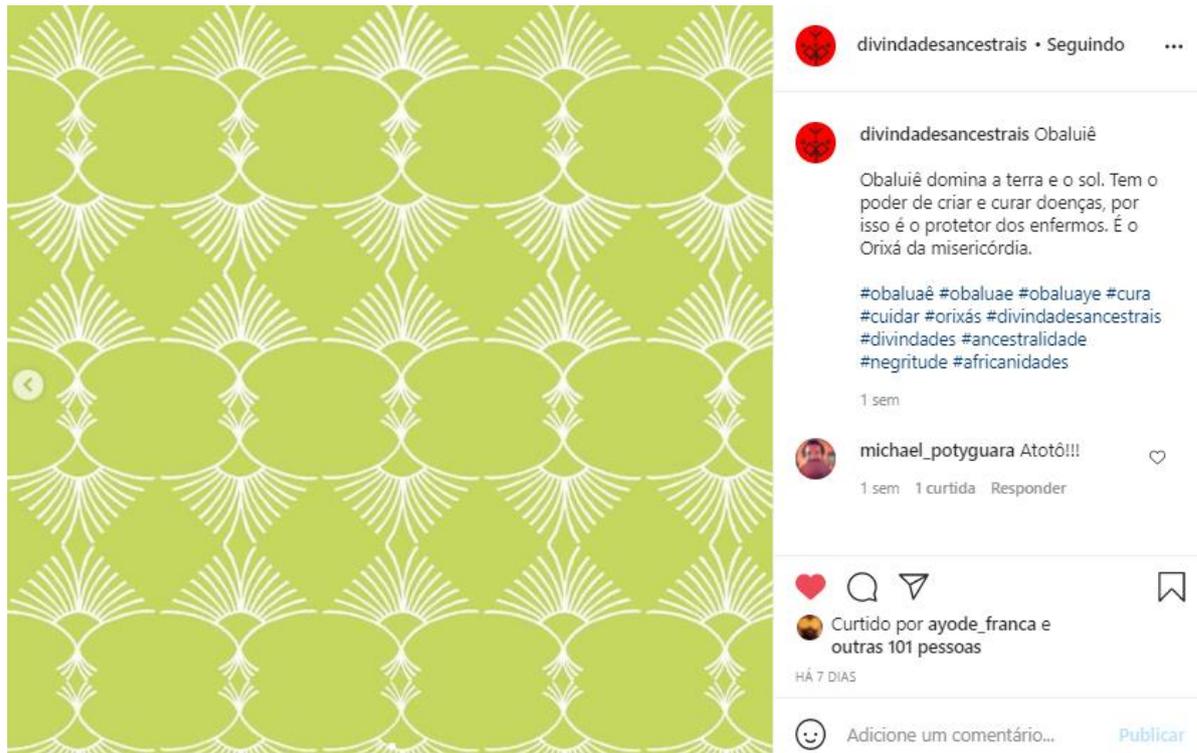
A rede social Instagram é um grande canal comunicativo do Design e abre espaço para diversas intervenções educativas. O projeto “Divindades Ancestrais” realizado pelo designer e artista plástico olindense Ayodé França é um exemplo. Através de sua página, o artista disponibiliza uma série de ilustrações e estampas com o objetivo de ampliar o diálogo e o espaço das iconografias das religiões da matriz africana no imaginário coletivo.

Figura 14 - Ilustração Ayodé França



Fonte: Instagram (2021)

Figura 15 - Estampa Ayodé França



Fonte: Instagram (2021)

Vale ressaltar também a página Design Ativista, que reúne trabalhos de diversos designers do Brasil. Nasceu da iniciativa da Mídia Ninja e Ideia Fixa durante as eleições de 2018 com o intuito de combater as fake News e apoio à democracia por meio da arte. O grupo promove diversos debates sobre o papel do design na criação de uma sociedade mais humana e democrática.

Figura 16 - Publicação Design Ativista



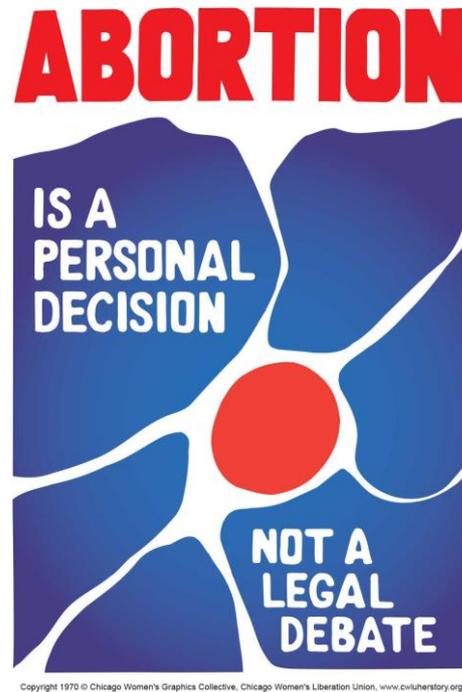
Fonte: Instagram (2021)

O movimento feminista, dentro dos seus variados grupos e pautas tem o design social como aliado para reforçar sua luta, o Coletivo Gráfico Feminino de Chicago é um exemplo interessante a ser citado. Surgiu no ano de 1970 com o objetivo de criar cartazes em prol do movimento de libertação das mulheres, que só crescia. Os cartazes seriam o resultado da união artística de suas integrantes:

O grupo unia as habilidades artísticas de cada integrante numa preocupação paralela com a troca de conhecimento entre elas (cada cartaz era produzido por até quatro mulheres, com uma supervisora), cada qual com sua percepção e, ao final, trabalhando em junção e em prol dos objetivos feministas. As peças não tinham identificação pessoal; a intenção era fortalecer o trabalho em grupo (AZEVEDO, 2020, p. 39).

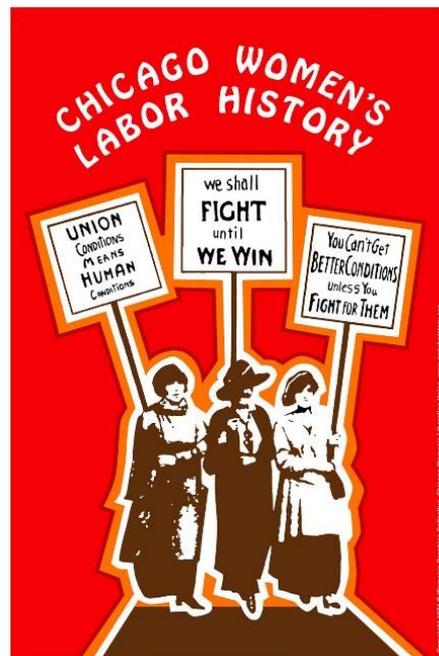
Questões sobre o aborto e condições de trabalhos eram abordadas como mostram os cartazes a seguir;

Figura 17 - Aborto: é uma decisão pessoal, não um debate jurídico



Fonte: Chicago Women's Liberation Union (n.p)

Figura 18 - História do Trabalho Feminino de Chicago



Fonte: Chicago Women's Liberation Union (n.p)

Outro exemplo de produção gráfica coletiva em prol da luta feminista é promovida pela Escola de Arte e Design de Massachusetts, que organiza exposições de postêrs com temas sobre violação dos direitos humanos, desigualdades de gênero, direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, assim como tantos outros que combatem a lógica patriarcal de apropriação dos corpos femininos.

Figura 19 - Área Restrita (1993)



Fonte: Womens Rights are Human Rights (2021)

Figura 20 - Crítica à cultura de mutilação genital feminina (2007)



Fonte: Womens Rights are Human Rights (2021)

5 METODOLOGIA

De natureza aplicada, com o intuito de promover o feminismo através do design social por meio de um ebook, essa pesquisa seguirá o método filosófico fenomenológico, de abordagem qualitativa, apresentado por Edmund Husserl, que se baseia numa perspectiva socialmente construída;

(...) O método fenomenológico limita-se aos aspectos essenciais e intrínsecos do fenômeno, sem lançar mão de deduções ou empirismos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, visando apenas o dado, o fenômeno,

não importando sua natureza real ou fictícia (PRODANOV & FREITAS, 2013, p. 36).

Tendo em vista que se trata de um trabalho projetual, a metodologia foi disposta em três fases, a primeira é embasada na obra “O sistema de identidade visual” de Maria Luisa Peón (2003), as duas últimas fases baseiam-se no modelo metodológico apresentado no livro “A prática do design Gráfico: Uma Metodologia Criativa” de Rodolfo Fuentes (2006).

Foi realizada previamente uma coleta de dados necessários para prosseguir com o projeto baseada na primeira fase do método de Peón (2003), intitulado Problematização onde construiu-se o *briefing*, assim como a escolha do público alvo, o estudo de similares e o segmento estético pelo qual o livro seguirá.

As demais etapas foram baseadas nas duas últimas fases da metodologia de Fuentes (2006), são elas a Concretização onde foi estipulada a estrutura, a tipografia, a cor e o suporte e, por último, o Controle, Avaliação e Crítica.

5.1 PROBLEMATIZAÇÃO

De acordo com Peón (2003), “a fase de problematização é a de identificação e equacionamento para a solução de um problema”.

5.1.1 Briefing

Trata-se de um ebook feminista que traz dez personalidades do meio artístico, filosófico e político que foram violentadas e sofreram opressões, dos variados modos, por conta de seu gênero. De caráter educativo, o objetivo do livro é promover o debate acerca do feminismo, e as desigualdades impostas pelo sistema patriarcal assim como inspirar as mulheres através das histórias de luta descritas.

O público alvo são jovens e adultos dos 20 aos 30 anos, estudantes de escolas públicas e universitários, de classe econômica baixa.

5.1.1.1 Estudo de similares

A busca por similares obteve bastante sucesso. Foram encontrados diversos livros que falam sobre mulheres que tiveram/tem que enfrentar as opressões promovidas pelo patriarcado no seu dia-a-dia, porém, resumi a lista em quatro exemplares, segue:

Figura 21 - Pequeno Guia de Incríveis Artistas Mulheres (capa)



Fonte: Lidy Dutra (2018)

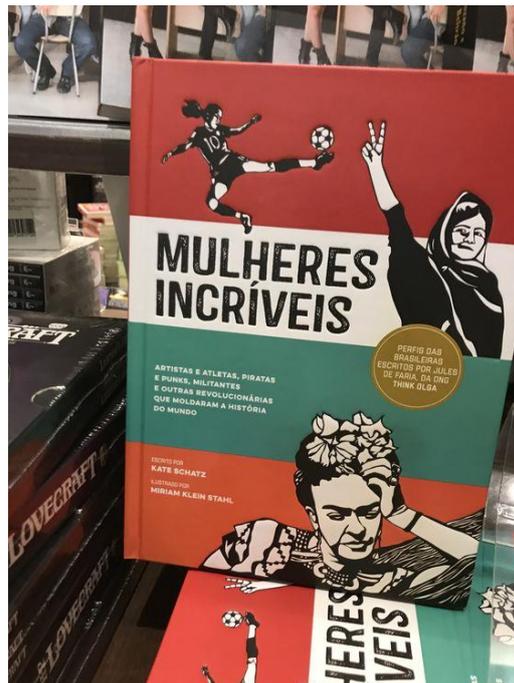
Figura 22 - Conteúdo do livro



Fonte: Lidy Dutra (2018)

No livro, a artista visual e escritora Beatriz Calil escancara o machismo que ofuscou por tantos anos a vida de 16 mulheres artistas nas sombras de seus maridos de uma forma satírica, fazendo intervenções nas figuras masculina nas fotografias dando assim o protagonismo que lhes foi tirado. A obra também aborda a questão da objetividade imposta à mulher, questionando a posição de subordinação que lhe foi imposta e seu status de musa no meio artístico.

Figura 23 - Mulheres Incríveis (capa)



Fonte: Pinterest (n.p)

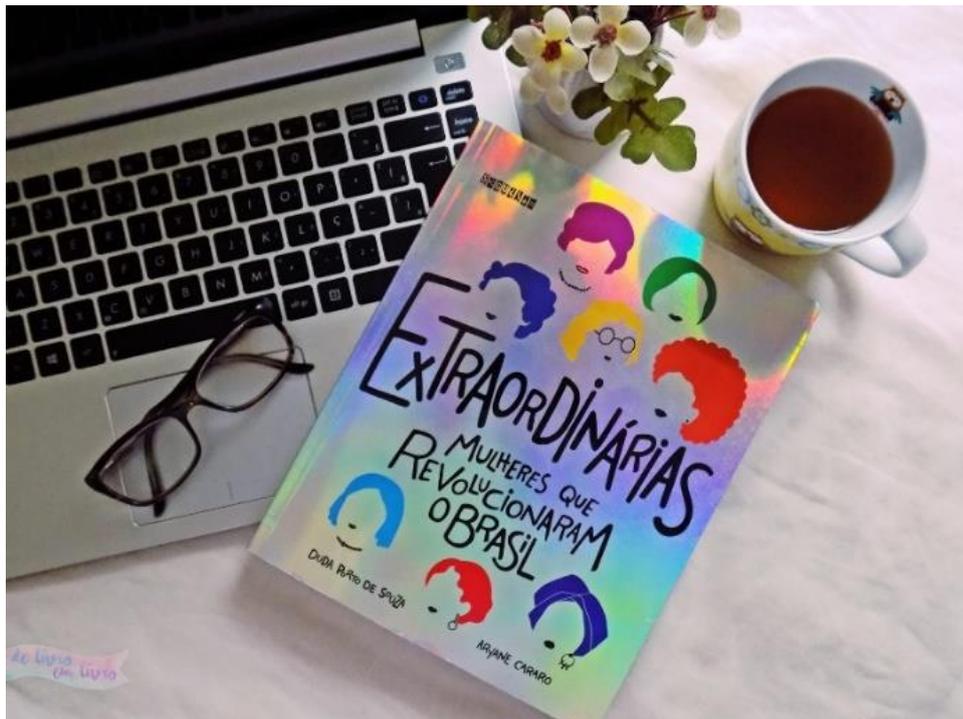
Figura 24 - Conteúdo do livro



Fonte: Luiza Cipriano (2018)

Kate Schatz, Miriam Klein Stahl e Jules de Faria em sua obra, nos apresentam 44 personalidades, de artistas à atletas, de diversas partes do mundo, em diferentes períodos da história que foram protagonistas na luta feminista em prol da equidade dos gêneros.

Figura 25 - Extraordinárias (capa)



Fonte: Diário em Livro (2018)

Figura 26 - Conteúdo do livro



Fonte: Diário em Livro (2018)

Extraordinárias nos traz 40 biografias de mulheres brasileiras que foram revolucionárias na causa feminista em nosso país. O livro conta com as ilustrações de 9 artistas mulheres.

Figura 27 - Lute como uma garota (capa)



Fonte: Pausa para um Café (2018)

Figura 28 - Conteúdo do livro



Fonte: Pausa para um Café (2018)

Escrito pela jornalista Laura Barcella, o livro reúne 60 biografias de mulheres protagonistas na luta feminista, desde ativistas do profeminismo como Mary Wollstonecraft até a filósofa brasileira Djamila Ribeiro.

5.1.1.1.1 Definições dos requisitos e restrições

O ebook projetado segue alguns princípios abordados por Péon (2003), são eles: a Originalidade, tendo em vista que não há no mercado outro modelo que siga os mesmos padrões elementares, embora o conteúdo seja similar. A Repetição, refletida na composição visual através das formas, traços e fontes formando uma unidade e por último, a Fácil Identificação onde a soma dos elementos básicos possibilita que o usuário diferencie o projeto dos outros disponibilizados no mercado.

6 CONCRETIZAÇÃO

Seguindo uma adaptação das normas de padronização um livro impresso, o ebook foi estruturado com elementos extratextuais (capa), pré-textuais (apresentação e epígrafe e mini glossário) e textuais (corpo de texto).

O tamanho proposto é de uma folha a5, nas dimensões de 210x148mm, com margens de 20x20mm delimitando o conteúdo;

Figura 29 - Margens do ebook



Fonte: A autora(2021)

A escolha da tipografia foi baseada no critério de leveza e legibilidade, foram utilizadas três tipografias;

Figura 30 - Fonte Amatic Bold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 (" / ~ ! @ # \$ % ` & *)

Fonte: A autora (2021)

Figura 31 - Fonte Autography Regular

ABCDEFGHIJKLMNO
 PQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Fonte: A autora (2021)

Figura 32 - Fonte Futura Round Medium

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 Zabcdefghijklmnopqrstuvwxyz
 (" / ~ ! @ # \$ % ` & *)

Fonte: A autora (2021)

Foi definida uma paleta de cores, com predominância das cores quentes, passa pela combinação de variados tons e subtons pastéis.

O Ebook foi desenvolvido visando a leitura em dispositivos eletrônicos que permitem a leitura de PDF, tais como: leitores digitais, tablets, celulares, computadores e etc.

7. CONTROLE, AVALIAÇÃO E CRÍTICA

O Ebook produzido é coerente em sua apresentação e seu conteúdo se faz agregador no âmbito social pois levanta o questionamento sobre pautas que ainda devem ser questionadas e discutidas. O projeto é legível, a paleta de cores favorece o contraste dos elementos na medida certa. O conteúdo é objetivo, completo e simples.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo se mostra como fator essencial para a evolução da sociedade estruturada sob bases patriarcais. Por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso nota-se a necessidade de expansão do diálogo sobre o protagonismo feminino, enfatizar a importância das mulheres no contexto sociopolítico e artístico é um reparo histórico.

Na tentativa de alcançar o público jovem, a construção do e-book educativo consegue promover reflexões sobre o feminismo de forma exitosa. Com o auxílio da arte, é possível alcançar, didaticamente, o debate sobre o papel social que mulheres e homens ocupam, evidenciando a assimetria entre os gêneros.

É importante a produção de trabalhos semelhantes a este, que resgatem as histórias de mulheres silenciadas pela sociedade, assim como maior visibilidade nos estudos referentes ao tema do feminismo e sua necessidade social. Desta forma, as barreiras construídas sob o modelo patriarcal perdem força e dão espaço ao protagonismo feminino, tornando as relações entre gêneros mais igualitárias.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Zina. Luta das mulheres pelo direito de voto: Movimentos Sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA**, v.6, n.2, p.443-469, jun, 2002. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/380>. Acesso em: 30 mar. 2021;
- ADICHIE, C. **O Perigo de um História Única**; tradução Julia Romeu, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019;
- AZEVEDO, R. **Design de Ativismo na quarta onda do feminismo no Brasil: análise da poética gráfica de alguns coletivos**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p.139. 2020;
- BADINTER, E. Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985;
- BEAUVOIR, S., O Segundo Sexo 2. A experiência vivida; tradução Sérgio Milliet, 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967;
- BRAGA, M., O Papel Social do Design Gráfico: história, conceitos e atuação profissional, 1. ed. São Paulo: Editora Senas, 2019;
- BUTLER, Judith P., Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.1, p.179-183, jan./abr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012. Acesso em 3 abr. 2021;
- DAVIS. A., Mulheres, Cultura e política; tradução Heci Regina Candiani, 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017;
- DUARTE, Constância Lima. NÍSJA FLORESTA: Incompreensão em relação à sua Genialidade. **Ciência & Trópico**. Recife, v.26, n.2, p.253-260, jul/dez, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/682>. Acesso em: 1 abr. 2021;
- DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: Pioneira do feminismo brasileiro - séc. XIX. **Revista Historia de las Mujeres**. Lima, 3. ed., n.32, n.p, abr, 2002. Disponível em: http://www.cemhal.org/anteriores/2001_2002/9_art%C3%ADculos.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021;
- FRIEDAN, B., **Mística Feminina**; tradução Áurea B. Weissenberg, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1971;
- GARCIA, C.C. **Breve História do Feminismo**. 1. ed. São Paulo: Claridade Ltda, 2011;

GUERRILLA GIRLS: Reinventing. The 'F' Word: Feminism; tradução própria. Guerrilla Girls, 2020. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/our-story/>. Acesso em: 3 abr. 2021;

HOOKS, B., Não Serei Eu Mulher? Mulheres negras e Feminismo; Tradução Livre para Plataforma Gueto, Portugal, 2014;

KARAWAJCZYK, Mônica. Christine de Pisan, uma feminista no medievo?!. **História e suas interfaces**, Porto Alegre, v.8, n.1, p.189-204, mar/ago, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6214>. Acesso em: 25 mar. 2021;

LAGELÉE, G.; MANCERON, G. **La conquête mondiale des droits de l'homme: Présentation des textes fondamentaux**. França: Editions UNESCO, 1998;

LOPONTE, Luciana Gruppelli., Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revistas Estudos Feministas**. Florianópolis, v.10, n.2, p.283-300, fev., 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 abr. 2021;

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragista. **Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v.8, n.2, p. 261-278, nov, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 30 mar. 2021;

MULLER, Luciane Oliveira. Mary Wollstonecraft – Introdução. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n.36, p.47-49, jan-jun, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/65465>. Acesso em 1 abr. 2021;

ONO, Maristela Misuko., Design, Cultura e Identidade, no contexto da globalização. **Revista Design em Foco**, v.1, n.1, p.53-66, jul./dez., 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/661/66110101.pdf>. Acesso em 6 abr. 2021;

PÉON, Maria Luisa. **Sistemas de identidade Visual**, 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora Ltda, 2003;

PINTO, C. **Uma História do Feminismo no Brasil**, 1. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003;

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2. ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013;

RIBEIRO, D. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018;

RODRIGUES, Paula Cristina. Protofeminismo no Renascimento italiano pela pena de Isotta Nogarola. **História e suas interfaces**, Lisboa, v.8, n.2, p.239-252, jun, 2018.

Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6496>. Acesso em: 25 mar. 2021;

ROUSSEAU, J.J. Emílio; **ou, da Educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995;

TIBURI, M. **Feminismo em Comum: Para todas, todes e todos**, 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018;

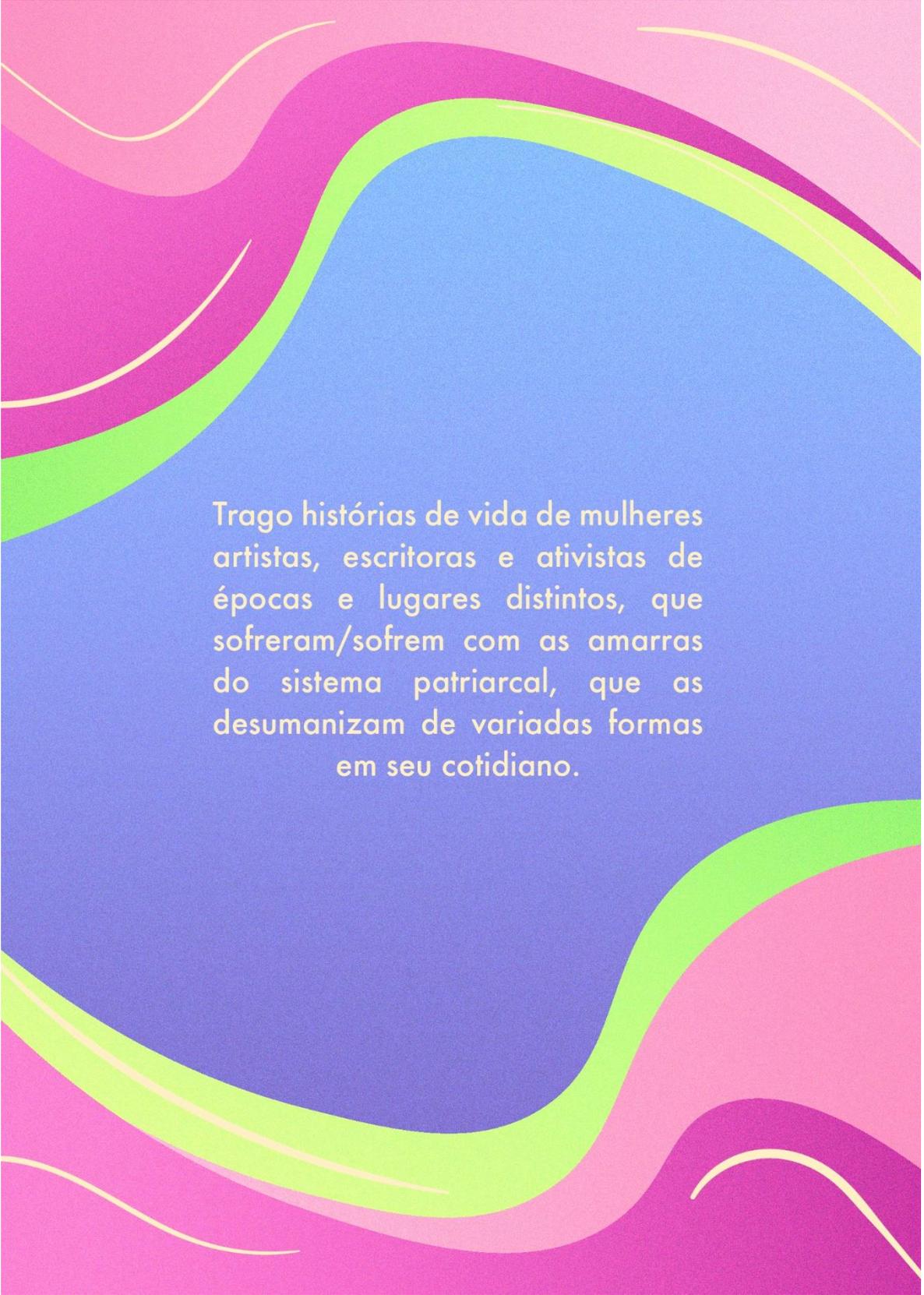
TVARDOVSKAS, Luana. Rosários e vibradores: interferências feministas na arte contemporânea. *In*: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro P. **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008, p.1-19;

WOLF, N. **O Mito da Beleza**; tradução Waldéa Barcellos, 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992;

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**; tradução Ivania Pocinho Motta. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

APÊNDICE – EBOOK MULHERES DESLUMBRANTES





Trago histórias de vida de mulheres artistas, escritoras e ativistas de épocas e lugares distintos, que sofreram/sofrem com as amarras do sistema patriarcal, que as desumanizam de variadas formas em seu cotidiano.

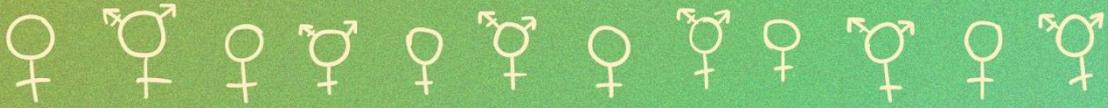


O feminismo é uma lanterna que mostra as sombras de todas as grandes ideias gestadas e desenvolvidas sem a participação das mulheres e muitas vezes à custa das mesmas: democracia, desenvolvimento econômico, Estado de Bem-Estar Social, justiça, família, religião.

As feministas empunham esta lanterna com orgulho por ser a herança de milhões de mulheres que partindo da submissão forçada - enquanto eram atacadas, ridicularizadas, vilipendiadas - souberam construir uma cultura, uma ética e uma ideologia nova e revolucionária para enriquecer e democratizar o mundo.

Esta é a luz que ilumina os quartos escuros da intolerância dos preconceitos e dos abusos.

- Carla Cristina Garcia



FEMINICÍDIO

Assassinato de uma mulher em função de seu sexo. O Brasil, segundo pesquisas, é o quinto país do mundo com maiores índices de feminicídio.

SEXISMO

Mesmo que o significado seja a discriminação das pessoas em razão do sexo, o termo remete, na maioria das vezes, ao trato social em relação às mulheres. Pode ser ligado a papéis de gênero e estereótipos em que emana a crença de que um sexo é superior ao outro.

ANDROCENTRISMO

Visão de mundo que situa o homem como centro de todas as coisas. O homem ocupa uma posição central na sociedade, na cultura e na história.

MISOGINIA

Define-se como o ódio à mulher. O termo pode ser utilizado de diversas maneiras para indicar atitudes como exclusão social, discriminação, hostilidade ou até mesmo violência.





OBJETIFICAÇÃO

Reduzir uma pessoa à condição de coisa. Costuma ser utilizado em referência à objetificação sexual feminina, em que limitam as mulheres a seus atributos sexuais e à sua beleza física, sem levar em conta sua personalidade e sua existência como pessoa. Quando a publicidade exhibe as mulheres como objetos de desfrute e de prazer para os homens, ela as objetifica.

MANSPLAINING

A atitude do homem querer explicar tudo a uma mulher, subestimando a sua inteligência.

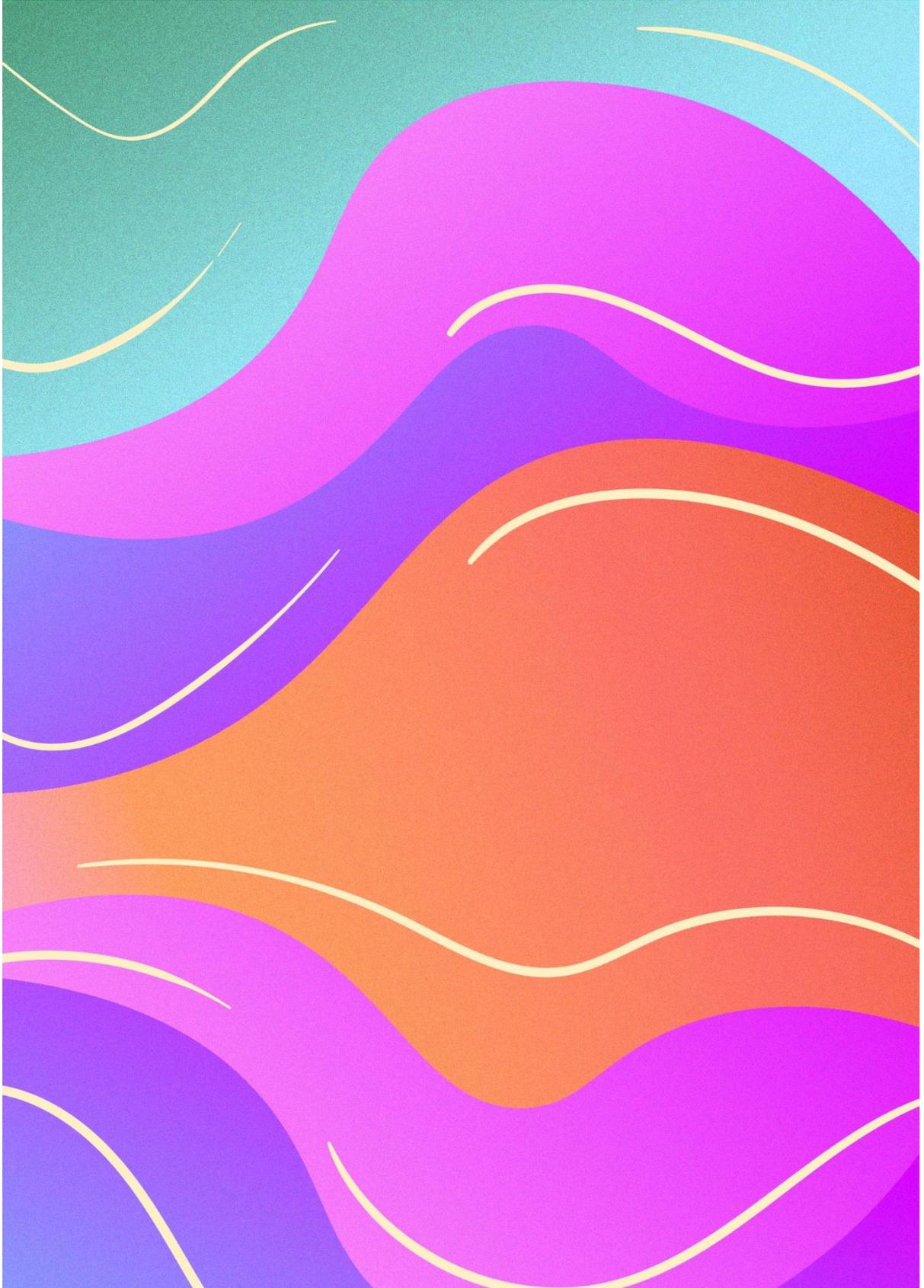
MANINTERRUPTING

A atitude que consiste em interromper a mulher diversas vezes, de forma com que ela não consiga concluir sua linha de raciocínio em uma conversa.

GASLIGHTING

Manipulação psicológica na qual o agressor faz a vítima questionar sua própria inteligência, memória ou sanidade.





ARTEMISIA GENTILESCHI

(1593 - 1654) *Roma*

Artemisia tem sua vida marcada pela arte. Desde a infância ajudou seu pai, Orazio Gentileschi, renomado pintor caravaggista, em seu ateliê, onde tomou gosto pelo ofício.

Em seus 18 anos sofre abuso sexual cometido pelo pintor Agostino Tassi que resultou em um processo que expôs a jovem a dois exames ginecológicos e à tortura de sibilas (onde seus dedos foram envoltos em uma espécie de barbante grosso e pressionados) para comprovação de sua inocência. Tassi é condenado a sair da cidade.

Após o incidente, a pintora casa-se num matrimônio arranjado por seu pai e transita por Florença, Roma, Veneza, Nápoles e Londres para se reestabelecer social e emocionalmente.

Cria uma rede de contatos, através de sua arte, com diversos colecionadores, mecenas e figuras importantes, produzindo retratos, temas religiosos



e pictóricos. Em alguns de seus quadros a artista põe a mulher como personagem principal, protagonizando cenas de heroísmo e de denúncia.

Mesmo promovendo-se cada vez mais no meio artístico a pintora teve que carregar o peso de seu passado, além de sofrer constantemente com a desvalorização de seu trabalho por ser mulher e pela fama de imoral que o abuso lhe deixou, viu seu violentador, mesmo condenado, livre em Roma.

Duram séculos para seu reconhecimento na história da arte e no meio feminista (apenas em 1970), por esse motivo constata-se a importância de citar a trajetória de luta de Artemisia Gentileschi.



LÉLIA GONZALEZ

(1935 - 1994) *Brasil*

Filha de empregada doméstica e operário, nasce em Belo Horizonte e aos 8 anos muda-se com toda família para o Rio de Janeiro onde, ainda criança, trabalha como babá e empregada doméstica.

Em meio a muitas dificuldades conclui seus estudos e torna-se referência no feminismo negro, tendo importante participação em um momento histórico para a população negra em nosso país.

Junto a outros militantes fundou na cidade de São Paulo em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, reivindicando o fim da violência racial e exigindo políticas públicas em prol da comunidade afro-brasileira.

Foi pioneira nas discussões de gênero e raça questionando as pautas nada inclusivas do feminismo hegemônico onde excluía as afrodescendentes defendendo a descolonização do movimento e a formação de um feminismo afrolatinoamericano,

protagonizado pelas mulheres negras e índias.

Além disso, foi ativista política: atuando na formação do Partido dos Trabalhadores; integrando no ano de 1985 o primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e no ano de 1988, esteve presente nas discussões da Constituição.

Lélia representou o Brasil nos EUA, África e América Latina em debates acerca da opressão e exploração imposta a população negra. Seu vasto legado se traduz em livros, extremamente atuais, que infelizmente passaram anos sem notoriedade, pois é recente o movimento de interesse do mercado editorial pelos escritores negros.



CÉLIA XAKRIABÁ

(1990) Brasil

Professora, cientista social ativista, integrante do povo Xakriabá do norte de Minas, milita desde criança no movimento indígena.

Começou seus estudos de educação básica na Escola Indígena Xukurank e fez parte da primeira turma de formação indígena da Universidade de Minas Gerais, sendo também a primeira mestre de seu povo.

Aos 25 anos torna-se a primeira representante dos povos indígenas na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

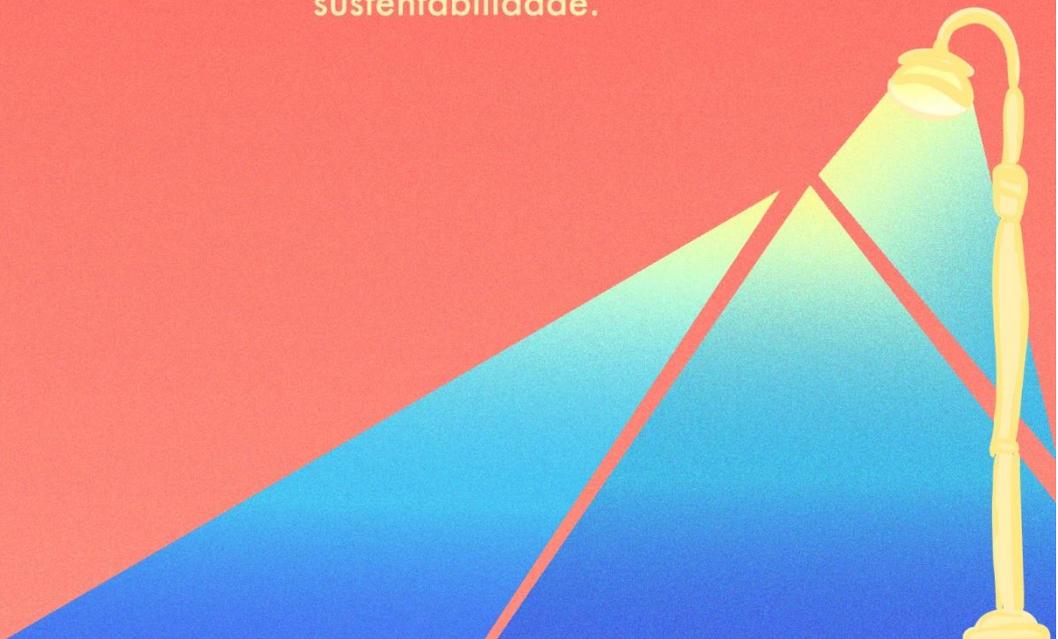
Célia afirma que “não dá pra pensar a liberdade dos povos indígenas se não tem liberdade do território.” Em entrevista ao Itaú Cultural, reitera que hoje o povo Xakriabá não tem acesso ao Rio São Francisco, o maior recurso hídrico da região, e poucas lideranças tem acesso ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, lugar onde guarda toda a memória do povo Xakriabá.



Ela defende que a luta territorial vem pelo processo de educação, pelo conhecimento e pela garantia de saúde que devem ser considerados como lugar de dívida histórica para os povos indígenas.

A líder também fala sobre a indigenização das escolas, diz que “pensar um processo de educação indígena diferenciado é pensar um lugar que tem espaço para cultura”, defendendo uma escola que não sobreponha uma cultura maior sob outra.

Esteve a frente em 2019, da organização da primeira Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil, levantando discussões como direito ao território, políticas governamentais, violência de gênero, machismo e homofobia – além de questões de saúde reprodutiva, educação, segurança e sustentabilidade.



MARY WOLLSTONECRAFT

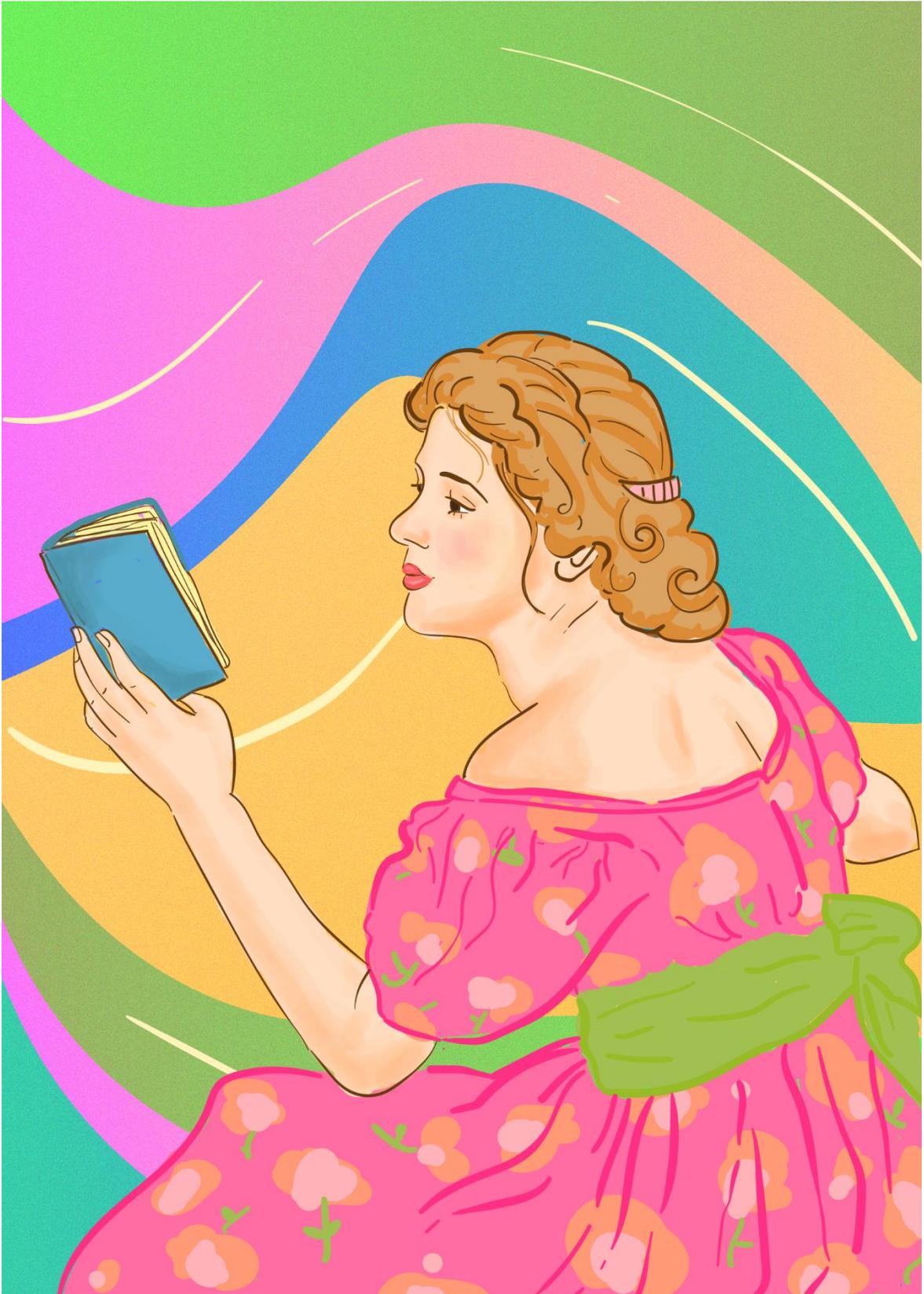
(1759 - 1797) *Reino*

Mary foi a sétima filha do casal Edward e Elizabeth Dickson, família na qual o relacionamento era um tanto conturbado; presenciava constantemente as agressões que sua sofria pelo seu pai.

Como a maioria das meninas de sua época, sua educação não teve o apoio da família, tendo ela que aprender a ler sozinha sem auxílio de tutores

Aos 25 anos funda uma escola no bairro Newington Green, com suas irmãs Everina e Eliza e sua amiga Fanny Bloode. O bairro era ponto de encontro de muitos intelectuais liberais, e teve bastante influência em sua jornada em prol da educação feminina.

Conhece Joseph Johnson, editor de textos radicais, que a convida para trabalhar em seu jornal como revisora e tradutora. Em 1786, a escritora publica o panfleto "Pensamentos sobre a educação das filhas: com reflexões sobre a conduta feminina".



NÍSIA FLORESTA

(1810 - 1885) *Brasil*

Nascida no interior do Rio Grande do Norte, cresceu no Brasil colonial onde as mulheres, em sua grande maioria, eram analfabetas e suas vidas resumiam-se ao ambiente familiar.

Tornou-se professora e esteve presente na imprensa nacional desde o ano de 1830, sendo uma das primeiras mulheres no Brasil a publicar crônicas, contos, poesias e ensaios comentando questões polêmicas da época em jornais da chamada grande imprensa.

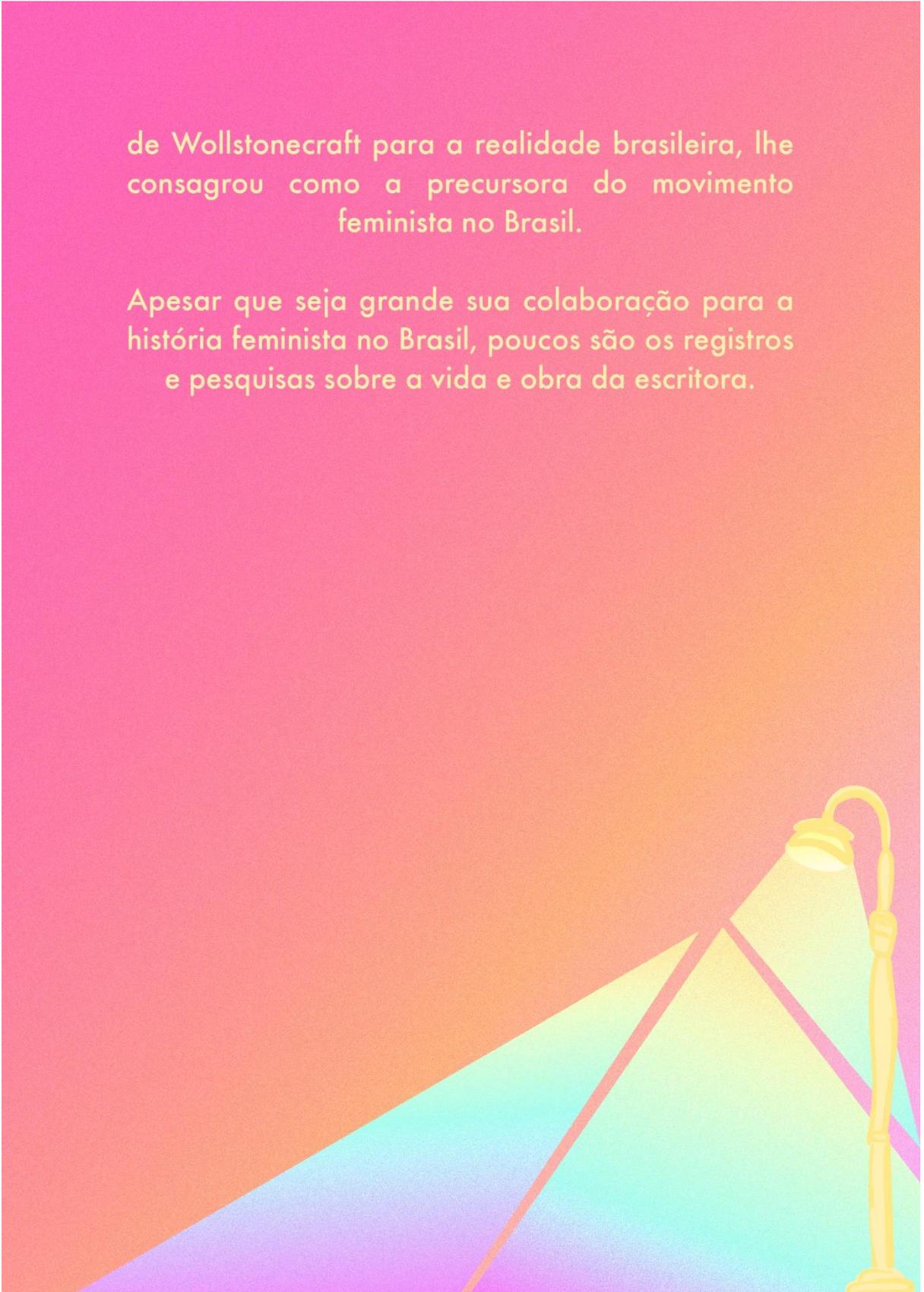
Seu discurso causava incômodo pois defendia abertamente os direitos e a educação das minorias: mulheres, índios e negros.

Em seus 22 anos no ano de 1832, inspirada no Livro Reivindicação dos Direitos da Mulher de Mary Wollstonecraft, Nísia publica seu primeiro livro: Direitos da Mulher e Injustiça dos Homens. Esta obra, que seria uma tradução e adaptação do livro



de Wollstonecraft para a realidade brasileira, lhe consagrou como a precursora do movimento feminista no Brasil.

Apesar que seja grande sua colaboração para a história feminista no Brasil, poucos são os registros e pesquisas sobre a vida e obra da escritora.



MARSHA P. JOHNSON

(1945 - 1992) EUA

Marsha viveu com seus pais, o operário Malcom Micheals e a empregada doméstica Alberta Claiborne, juntamente com 6 irmãos em Nova Jersey até completar seu ensino médio, partindo para Nova Iorque, com apenas uma sacola de roupas e 15 dólares.

Trabalha como garçoneiro até ir morar em Greenwich Village, onde torna-se drag queen adotando o nome de Black Marsha.

Na noite de 28 de junho de 1969, Marsha presencia mais uma investida inesperada e agressiva da polícia no bar Stonewall Inn, frequentado majoritariamente pela comunidade LGBTQIA+, um dos únicos bares que os acolhia.

Vale lembrar que qualquer prática homossexual era considerada crime em todos os estados dos EUA até 1962. A investida em Stonewall resulta numa série de revoltas que se estende por dias.



Entre os integrantes da revolta encontra-se Marsha, que trabalhava na rua e recebia constantemente o abuso das autoridades, manifestando-se ativamente em prol da comunidade LGBTQIA+.

Em 1970, junto com sua amiga Sylvia Rivera fundou uma organização oferecendo abrigo, roupas e comida aos jovens trans e drag queens que viviam nas ruas de Greenwich.

Em 6 de julho de 1992, a ativista encontra-se sem vida em um rio próximo do bairro onde vivia. A polícia declarou a causa de sua morte como suicídio porém, amigos próximos a Marsha contestam a versão alegando que ela poderia ter sido vítima de um assassinato, tendo em vista que casos de ataques à pessoas trans eram (e são, infelizmente) comuns. Marsha segue hoje sendo um símbolo de luta e resistência.



SÔNIA GUAJAJARA

(1974) *Brasil*

Maranhense, nascida na terra indígena de Araribóia, filha de pais analfabetos sai de casa aos 15 anos, com a ajuda do FUNAI para cursar o ensino médio em Minas Gerais.

Sua trajetória de militância começa na COAPIMA (Coordenação e Articulação dos Povos Indígenas) onde se destaca como coordenadora. Em 2009, torna-se vice coordenadora da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) atuando até 2013.

Em 2010, entrega o prêmio Motosserra de Ouro para Kátia Abreu, ministra da Agricultura na época, em forma de protesto contra as alterações do Código Florestal.

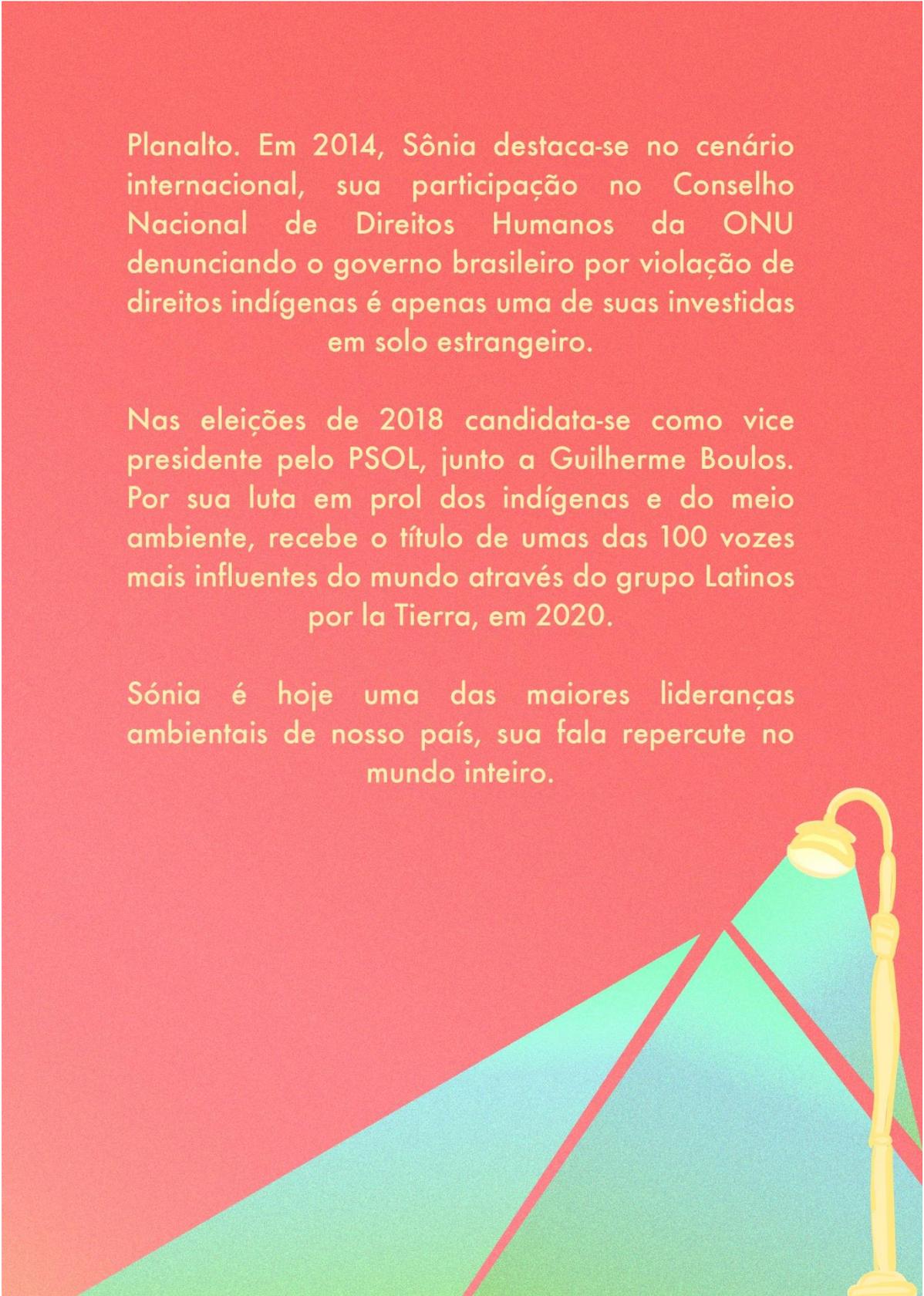
Em 2012 organiza uma manifestação em protesto ao evento mundial Rio +20. No ano seguinte ficou à frente da Semana dos Povos Indígenas, da ocupação do plenário da Câmara e do Palácio do



Planalto. Em 2014, Sônia destaca-se no cenário internacional, sua participação no Conselho Nacional de Direitos Humanos da ONU denunciando o governo brasileiro por violação de direitos indígenas é apenas uma de suas investidas em solo estrangeiro.

Nas eleições de 2018 candidata-se como vice presidente pelo PSOL, junto a Guilherme Boulos. Por sua luta em prol dos indígenas e do meio ambiente, recebe o título de umas das 100 vozes mais influentes do mundo através do grupo Latinos por la Tierra, em 2020.

Sônia é hoje uma das maiores lideranças ambientais de nosso país, sua fala repercute no mundo inteiro.



CAROLINA MARIA DE JESUS

(1914 - 1977) *Brasil*

Nasceu em Minas Gerais, oriunda de família humilde e analfabeta. Passou dos 9 aos 11 anos estudando no colégio Allan Kardec, onde desperta seu interesse pela leitura e escrita.

As dificuldades a leva para São Paulo, passando a residir na favela do Canindé, junto aos seus 3 filhos, sobrevivendo como catadora de papel, ferro velho e outros materiais recicláveis.

Todos os livros e revistas que encontrava lhe rendiam uma leitura, assim como os cadernos lhe rendiam diários, narrando seu cotidiano precário.

Em meados de 1950, o jornalista Audálio Dantas, ao fazer uma matéria sobre a expansão da favela do Canindé, que futuramente daria espaço para a Marginal Tietê, se depara com Carolina.

Ela o convida a sua casa e lá Dantas tem acesso aos seus cadernos escritos, ficando entusiasmado com tal descoberta.



Um ano após os cadernos são reunidos pelo jornalista que os transforma em livro, intitulado Quarto de Despejo, forma pela qual autora percebia como a favela era tratada pela cidade. A obra foi um sucesso de vendas, chegando a ser traduzido para diversos países.

A autora chegou a escrever outras obras que não tiveram tanta repercussão no mercado editorial. Falece, caindo em esquecimento e ganha notória visibilidade décadas após, sendo objeto de estudo de diversos trabalhos acadêmicos que reconhecem a importância de Carolina de Jesus para a literatura brasileira.

Neste ano de 2021 a autora ganhou o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



CAMILLE CLAUDEL

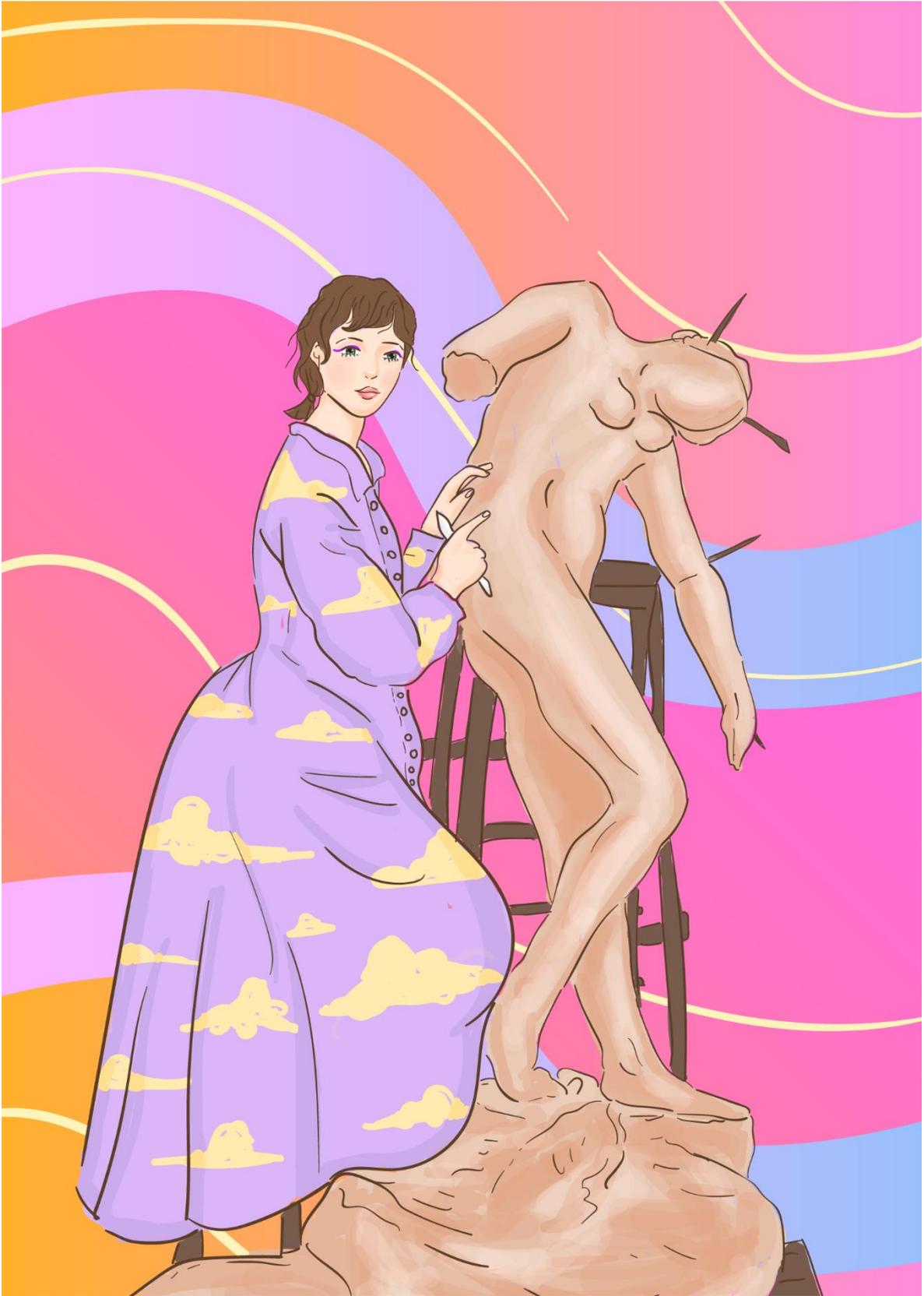
(1864 - 1943) França

Filha de fazendeiros, mostra habilidades para escultura desde cedo e na adolescência, com a ajuda do pai que sempre lhe incentivava, tem como tutor o escultor Alfred Boucher.

Em 1882, toda família Claudel muda-se para Paris e rapidamente Camille, junto a outras jovens, aluga um estúdio onde recebe frequentemente a visita de seu tutor, orientando seu trabalho.

Nesse mesmo ano Boucher recebe um prêmio do Salão de Paris, que consistia em uma viagem de estudos à Florença, com isso o Alfred Boucher solicita ao escultor Auguste Rodin que o substitua nas orientações da artista.

Não demora muito e Rodin a contrata para ser parte da equipe de assistentes de seu estúdio. Camille torna sua colaboradora, amante, modelo e musa, seguindo num longo e conflituoso relacionamento. Dez anos após, a artista afasta-se



de Rodin e dá início numa criação independente de grande produtividade, isolando-se em sua obra. Enquanto estava com Rodin, Camille tinha patronos, distribuidores e sucesso comercial, após seu rompimento esse apoio foi diminuindo e as críticas aumentando, desqualificando seu trabalho de forma misógina.

A soma disso tudo a fez passar por dificuldades financeiras e entrar num quadro de depressão que a faz ser internada em um hospital psiquiátrico.

Ao chegar a idosidade é transferida a um asilo até seus últimos dias de vida. A artista morre sem seu reconhecimento e apenas em 2017 tem um museu em sua homenagem, em sua antiga casa, reunindo 44 obras. A história é um triste exemplo de como o sistema patriarcal é covardemente destrutivo na vida de uma mulher.



MARIELLE FRANCO

(1979- 2018) *Brasil*

Filha de Arinete Francisco e Antonio da Silva, Marielle nasceu e cresceu na favela do Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Com apenas 11 anos começou a trabalhar como vendedora ambulante, com seus pais.

Aos 19 anos inicia sua militância em prol dos direitos humanos após entrar em um pré-vestibular comunitário e perder sua amiga, vítima de bala perdida em um tiroteio entre policiais e traficantes do Complexo da Maré. No mesmo ano dá luz a uma menina, o que lhe ajudou a firmar sua luta pelos direitos das mulheres.

Em 2002 ingressa no curso de Ciências Sociais na PUC-Rio, através do Prouni. Anos mais tarde conclui seu mestrado em Administração Pública pela UFF. Ingressa no campo político sendo assessora parlamentar do deputado, e seu amigo, Marcelo Freixo, uma parceria de durou 10 anos, até conquistar seu próprio cargo de vereadora.



Em seus 14 meses de mandato Marielle apresentou 13 projetos de lei, tendo saúde da mulher como umas de suas pautas prioritárias. Criou o projeto "Se é Legal, tem que ser Real" onde informava as mulheres sobre as situações em que fazer aborto estaria dentro da lei.

Na noite do dia 14 de Março, na volta de um evento onde palestrava sobre negritude, representatividade e feminismo, a deputada é covardemente assassinada juntamente com seu motorista Anderson Gomes.

Três anos após seu brutal assassinato, seu caso continua sem respostas. Afinal, quem mandou matar Marielle Franco?



CARTA AO LEITOR

Vivemos numa sociedade onde as oportunidades não são iguais para todos, principalmente no campo da educação. Consciente deste cenário, somado a nova realidade pandêmica de aulas ead, este projeto tem como objetivo democratizar o acesso a informação acerca do feminismo assim com despertar o interesse pela luta através das histórias aqui citadas.

Sabe-se que há muito desconhecimento e preconceitos acerca do movimento feminista e que o assunto ainda se encontra restrito a bolhas intelectuais privilegiadas, por este motivo, nós acadêmicos temos o dever cívico de sermos sementes em nossos círculos de vivência.

Nosso desgoverno vem se empenhando em acabar com o mínimo de dignidade e esperança que ainda nos resta, por meio da usurpação dos nossos direitos básicos. A educação é a única forma de converter esse quadro, a educação tem o poder transformador numa sociedade, e é um direito de todos.

E como dizia meu conterrâneo e educador Paulo Freire: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."

Sigamos na luta!

Recife, 10 de Abril de 2021.

Este e-book é o resultado de um TCC do curso de Bacharelado em Design, na Universidade Federal de Pernambuco.

AMANDA MENEZES LIRA DE SÁ

**DESDOBRAMENTOS DO FEMINISMO NO MEIO SOCIOPOLÍTICO,
ARTISTICO E DO DESIGN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Design.

Aprovado em: 06/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Juliana Andrade Leitão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Daniela Nery Bracchi (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Rafa Santana de Souza (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco